



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Books: quando a literatura sai da tela do computador e vai para o papel

Camila Teixeira Konder

Rio de Janeiro, RJ

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

Books: quando a literatura sai da tela do computador e vai para o papel

Camila Teixeira Konder

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientadora: Prof^ª Cristiane Costa

Rio de Janeiro
2010

Blooks: quando a literatura sai da tela do computador e vai para o papel

Camila Teixeira Konder

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

Prof^a. Cristiane Costa – orientadora

Prof. Mário Feijó

Prof. Paulo César Castro

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro, RJ
2010

KONDER, Camila Teixeira.

Books: quando a literatura sai da tela do computador e vai para o papel / Camila Teixeira Konder – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2010.

Número de folhas (assim, ex: 82 f.).

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2010.

Orientação: Nome Completo sem a titulação

1. Internet. 2. Blogs. 3. Livros. I. COSTA, Cristiane. II. ECO/UFRJ III. Produção Editorial IV. Título

Obrigada àquela que esclareceu todas as dúvidas e que deu todas as palavras de apoio.

Obrigada, Cris.

KONDER, Camila Teixeira. **Blooks: quando a literatura sai da tela do computador e vai para o papel**. Orientador: Cristiane Costa. Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, UFRJ. Xf.

RESUMO

O trabalho investiga a relação cada vez mais estreita entre a blogosfera e o mundo da literatura. Seja como espaço de divulgação de uma obra ou ferramenta para o processo criativo, os blogs vêm se consolidando como ambientes de produção literária e, por isso, viraram alvo dos olhares atentos de editores no Brasil e em outras partes do mundo. Foi desse feliz encontro que nasceram os *blooks* – livros baseados em blogs.

Através da leitura comparada de livros de Clarah Averbuck e Raquel Pacheco, mais conhecida como Bruna Surfistinha, autoras pioneiras no ramo, o estudo pretende refletir sobre as semelhanças e diferenças entre livros e blogs. Foram analisados os títulos *O Doce veneno do Escorpião*, de Pacheco, *Máquina de Pinball* e *Das coisas esquecidas atrás da estante*, ambos de Averbuck. A reflexão parte da leitura da obra das blogueiras-escritoras, além de entrevistas com as próprias e com editores que trabalham com *blooks* para compreender as linhas da produção editorial neste contexto inovador.

Palavras-chave: Internet, Blogs, Mercado Editorial, Livros, *Blooks*

KONDER, Camila Teixeira. **Blooks: when literature comes out of the computer screen to be printed on paper.** Advisor: Cristiane Costa. Rio de Janeiro, 2010. Monograph (Graduation in Social Communication – habilitation in Publishing) – Escola de Comunicação, UFRJ. Xp. Final paper.

ABSTRACT

The paper investigates the increasingly closer relationship between the blogosphere and the world of literature. Be it as a space to disclose one's literary work, be it a new tool on the writer's creative process, blogs are consolidating as virtual environments for literary production. Therefore, they turn out to be interesting targets to publishers throughout the world and in Brazil. It was from this happy encounter that blooks - books based on blogs – became a reality.

Through a comparative reading of Raquel Pacheco's, a.k.a. Bruna Surfistinha, and Clarah Averbuck's books, both pioneering in this kind of publication, the study reflects about the similarities and the differences between blogs and books. We've analyzed Pacheco's *The scorpio's sweet venom* and Averbuck's *Pinball Machine* and *Things that were forgotten behind the bookshelf*. By those readings and by interviewing both authors and publishers that work with this kind of books, we aim to understand how the blooks publishing process functions.

Key Words: Internet, Blogs, Publishing Market, Books, *Blooks*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. O fenômeno dos blogs e o advento de uma nova esfera de criação.....	13
2.1 Uma “doença” mundial, porém segmentada.....	14
2.2 Blog: o espaço do eu.....	16
2.3 As “escritas de si” em Clarah Averbuck e Raquel Pacheco	19
2. Blooks: os blogs que viraram livros.....	27
2.1 Diferenças que levam a algo em comum.....	28
2.2 Da tela do blog às páginas do livro.....	31
2.3 Os blooks e a realidade editorial brasileira.....	32
3. Um estudo de caso: de Clarah Averbuck a Raquel Pacheco.....	39
3.1 Sexo e drama em <i>O doce veneno do escorpião</i>	41
3.2 A autoficção de Clarah Averbuck em <i>Máquina de Pinball e Das coisas esquecidas atrás da estante</i>	44
3.3 Blooks: o surgimento de uma nova linguagem?.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
ANEXOS.....	55
Anexo 1 – Entrevista com Clarah Averbuck.....	56
Anexo 2 – Entrevista com Raquel Pacheco.....	58
Anexo 3 – Entrevista com Alberto Schprejer.....	65

INTRODUÇÃO

Somos seres conectados. Disso não há dúvidas. O homem do século XXI interage, de forma quase inconsciente, com diversas mídias no decorrer do seu dia. Ao acordar, ele aciona a cafeteira, coloca o pão na torradeira e liga a televisão. Enquanto toma seu café, ouve as primeiras notícias do dia. A repórter fala do trânsito complicado nos acessos à Zona Sul da cidade, quando o *blackberry* dá o sinal: “Você tem uma nova mensagem”. O homem acessa seus e-mails e descobre que a reunião que fora marcada para as 10 da manhã teve de ser adiada, porque o equipamento de videoconferência entrou em pane. Ele iria fechar um plano de ação com funcionários da sua empresa, que trabalham a um oceano de distância dele. Dado o adiamento do compromisso, ele liga o seu computador para revisar a apresentação de *power point* que iria guiar o seu discurso durante a conferência. Com a TV ainda ligada, ele confere as notícias que escolheu receber via rss na tela de seu computador. Novidades sobre a meteorologia, sobre o time de futebol, sobre a novela, sobre política.

Feita a atualização no computador, ele toma seu banho, se veste e parte para o trabalho. No carro, liga o rádio, posiciona na orelha o fone que se comunica com o *blackberry* via *bluetooth*. Filhos e mãe ligam para conversas rápidas. Ao chegar ao escritório, senta à sua mesa, onde, novamente, liga um computador. Sites de notícia e de relacionamento povoam a tela. Checa o mercado financeiro, manda mensagens via Facebook, diz o que se está fazendo no momento via Twitter. O dia passa e chega a hora de voltar para casa – mesmo trajeto, mesmo fone de ouvido, mesmas ligações fortuitas. Na hora do descanso, o homem volta ao computador para postar em seu blog as impressões do dia. Por fim, abre um livro, lê algumas páginas e adormece.

A situação descrita trata-se, claro, de uma situação extrema. Situação essa que não é, entretanto, totalmente impossível nos dias de hoje. Nem todos são tão conectados e participativos quanto o homem retratado acima. Levando em consideração os diferentes níveis de envolvimento com os diversos veículos existentes, é possível afirmar que o homem de hoje experimenta, ao mesmo tempo, vários tipos de comunicação. Ele se conecta à internet; assiste televisão; fala ao celular; manda torpedos, e-mails e *scraps*; ouve rádio e lê livros e revistas; posta sobre o assunto que desejar em blogs. Todo esse ciclo intenso e variado de mensagens é possibilitado pelas tecnologias surgidas no último século e no início

deste. Estas tecnologias provocaram um grande impacto na civilização, principalmente no que tange a comunicação.

O autor do célebre bordão “O meio é a mensagem” – Marshall McLuhan – vai além na análise. Ele afirma que as sociedades têm sido modeladas mais pela natureza dos veículos de comunicação do que pelo conteúdo das mensagens. Os novos veículos nos envolvem, reclamam nossa participação. Aliás, eles possibilitam certos tipos de participação que antes seriam pouco ou nada possíveis. Neste panorama, o próprio veículo desponta como principal propiciador da experiência.

Nestor García Canclini conceitua a tendência multiplataforma do homem contemporâneo em *Leitores, Espectadores e Internautas*. De acordo com Canclini, o homem contemporâneo experimenta diversos tipos de comunicação ao mesmo tempo, acionando vários sentidos simultaneamente. Ele é leitor, espectador e internauta. Isto se torna possível, porque as mídias se comunicam, se completam, se influenciam mutuamente. Os conteúdos de uma mídia aparecem em forma e abordagem diferentes em outra mídia. Uma mídia não anula a outra, mas complementa. Assim aconteceu com o rádio e a televisão. Será assim também com a internet e com o livro? Qual o efeito que a rede mundial de computadores terá no meio editorial?

São estas as questões que movem este trabalho. Interessa à pesquisa, particularmente, um fenômeno que vem ganhando força no Brasil e em outras partes do mundo: os *blook*s. A expressão nasce da contração de duas palavras em inglês – blogs e *books*. Cada vez mais, os blogs têm servido de atalho para que o autor realize o sonho de ter seu texto impresso. Os *posts* que movimentam e atualizam constantemente a blogosfera viram a base de um livro a ser publicado por uma editora. Esta transposição de conteúdo ainda é um processo novo e, por isso, suscita a curiosidade do meio acadêmico. O objetivo deste trabalho é analisar a natureza dos textos que povoam os blogs e como estes textos podem despertar o interesse de editoras para, finalmente, virarem livros.

No primeiro capítulo, foi feito um estudo do fenômeno dos blogs em si – ressaltando o fato de eles representarem um novo e amplo espaço de criação para aqueles que querem escrever, publicar, postar. O trabalho se baseou em pesquisas para mapear e caracterizar os autores que estão por trás destas empreitadas virtuais. A luz dos conceitos apresentados pelas autoras Denise Schittine e Raquel Recuero, foram relacionados os tipos de texto comumente publicados – levantamento que deixou transparecer que, independentemente do tema

abordado pelo internauta, os blogs vêm se consolidando como o espaço do “eu”. São nesses endereços virtuais totalmente gratuitos que os autobiografemas de Barthes vêm ganhando espaço franco de produção. Nesta análise do blog como território do confessional, o foco recaiu sobre dois exemplos brasileiros que alcançaram grande popularidade. Raquel Pacheco, a garota de programa mais conhecida como Bruna Surfistinha, causou frisson na rede ao publicar detalhes da sua rotina de trabalho. Já Clarah Averbuck teve o seu blog como o oitavo mais lido mundo, ao destilar toda a sua acidez em relatos sobre o seu dia-a-dia como escritora *free lancer*. Os endereços virtuais renderam vários louros para Averbuck e Pacheco. Ambas publicaram livros e participaram da produção de filmes baseados em seus blogs.

No segundo capítulo, o estudo se aprofunda na visão dos blogs como um espaço de criação textual e no processo de criação do *blook* em si – ou seja, como o que é publicado num blog pode ser transposto para as páginas de um livro. A meta foi buscar diversos exemplos de *blooks* em todo o mundo – incluindo até um prêmio literário criado exclusivamente para títulos deste filão. No entanto, as reflexões se concentraram no crescimento deste tipo de publicação no mercado editorial brasileiro. Para compreender como este processo se dá no Brasil, foi feita entrevista com o editor Alberto Schprejer, responsável pelo selo BlogBooks, da editora Singular. O BlogBooks nasceu com a missão de colocar no papel “os melhores posts dos blogs mais populares do país” e de “conectar o mercado editorial à rica blogosfera nacional”. Através do depoimento de Schprejer, foram estruturados os passos que um editor costuma seguir para organizar a transposição de conteúdos necessária na produção de um *blook*.

Entendido o processo de trabalho do editor, o próximo passo foi contatar as duas autoras pioneiras no assunto em solo brasileiro para a construção do terceiro capítulo. Raquel Pacheco assina o best-seller *O Doce Veneno do Escorpião*, título que atingiu o expressivo número de 300 mil cópias vendidas. O livro é baseado nos *posts* que Raquel publicou no já desativado endereço virtual www.brunasurfistinha.com. A obra de Clarah Averbuck, baseada em seu primeiro blog – o *Brazileira! Preta* –, também foi objeto do presente estudo. Foram analisados seus dois primeiros títulos: *Máquina de Pinball* e *Das coisas esquecidas atrás da estante*. O contato com as blogueiras-escritoras teve o intuito de descobrir como surgiu a oportunidade de publicação impressa e entender como foi feito o trabalho de seleção e adaptação dos textos do blog para o livro.

A partir da recente bibliografia produzida no Brasil a respeito do assunto, foi efetuada uma leitura cruzada dos livros citados acima e dos blogs em que estas publicações se inspiraram. *Posts* foram comparados com páginas impressas, estilos de escrita e formatação. O objetivo foi levantar as peculiaridades e as semelhanças que os dois veículos guardam. Nesta etapa, foram identificadas as modificações empreendidas nesta transcrição. A ideia era investigar se o fato de o texto ter nascido no meio virtual deixaria marcas na versão impressa.

Além disso, outra questão que se coloca a partir da análise do fenômeno *books* foi levantada. Seria o blog um espaço de divulgação viável e ilimitado para os escritores pouco ou nada conhecidos no mercado editorial? Ou seria o blog uma ferramenta para o processo criativo do escritor, um ambiente propiciador para o surgimento de uma nova forma de escrever? Ou as duas coisas? Como se trata de um fenômeno relativamente recente, a discussão a respeito dos pontos relatados foi feita através do estudo de caso realizado com a contribuição de Clarah Averbuck e Raquel Pacheco. Aliando os seus depoimentos à bibliografia básica, foi possível refletir se as condições de espaço de divulgação e ambiente de criação literária coexistem nos blogs e entender como os próprios blogueiros encaram suas páginas.

Visto que se trata de um novo mundo para todos os envolvidos nele, blogueiros, escritores, editores, críticos e acadêmicos, ainda há muito o que refletir e estudar sobre os *books*. A blogosfera cresce a cada dia – a cada segundo, um novo blog é criado. Por isso, novos objetos de estudo prometem pipocar na rede. Trata-se de um processo em aberto e em ascensão. Com o presente trabalho, a meta foi responder a algumas das perguntas que surgem a respeito deste fenômeno, mas espera-se que muito ainda seja estudado neste sentido.

Capítulo 1- O fenômeno dos blogs e o advento de uma nova esfera de criação

Uma nova maneira de ler e de escrever. Esta é a promessa que nasceu em meados de 1999, quando surgiu o software *Blogger*. Tratava-se de uma nova ferramenta textual à disposição na rede mundial de computadores. Simples, dinâmica e acessível, dava o poder de criar páginas pessoais a qualquer internauta, sem necessidade de conhecimento específico na área da informática. Além disso, a ferramenta criada pelo americano Evan Williams era totalmente gratuita, o que fazia do software uma mídia razoavelmente democrática.

O termo que deu nome à ideia de Williams nasceu das palavras de um internauta famoso. Nos idos de 1997, John Barger cunhou o termo *weblog*, juntando as palavras *web*, que significa rede, e *log*, que quer dizer registrar, conectar. De acordo com Barger, “um *weblog* (às vezes chamado de blog, página de notícia ou filtro) é uma página da *web* onde um *weblogger* (às vezes chamado de *blogger* ou de surfista) registra todas as páginas da internet que ele acha interessante”¹.

A expressão de Barger foi abreviada por Peter Merholz, em sua página pessoal Peterme.com. Merholz, numa simples brincadeira, dividiu o termo em *we blog*. A expressão logo se popularizou como blog. E foi esta síntese do termo de Barger que inspirou o nome do revolucionário software proposto por Evan Williams.

O software propunha uma página na internet em que o usuário tivesse autonomia total. Ele poderia publicar o texto que quisesse, quando quisesse e no formato que quisesse. O barato do programa de Williams era facilitar a criação da própria página e do texto. A interface era completamente amigável. O internauta só precisava se registrar, fornecendo algumas formações básicas, para que o *Blogger* abrisse a ele uma plataforma de fácil uso e entendimento. A partir desta plataforma, o usuário escrevia o seu texto e publicava na rede. Não era mais necessário conhecer as complicadas linguagens da internet. Bastava ter uma ideia na cabeça, um computador à mão e uma conexão à rede.

¹ Citação tirada de <http://www.robotwisdom.com/weblogs/> em 29/05/2010 – “A weblog (sometimes called a blog or a newspaper or a filter) is a webpage where a weblogger (sometimes called a blogger, or a pre-surfer) 'logs' all the other webpages she finds interesting”.

O usuário também conquistou um espaço ilimitado na *web*. No *Blogger* e nos outros softwares semelhantes que começaram a pipocar na internet, é possível publicar quantas vezes quiser e o tamanho de texto que se desejar. Sem restrições. Cada publicação, designada pelo nome em inglês *post*, é carregada instantaneamente no blog, com registro de data e hora no rodapé e em ordem cronológica decrescente – o *post* mais novo aparece antes do *post* mais velho. Outro detalhe importante é que a cada *post* é possível abrir um espaço de comentários. Nele, cada leitor do blog pode inserir suas contribuições a respeito do que foi escrito, se identificando ou não.

1.1 - Uma “doença” mundial, porém segmentada

A facilidade para lidar com a interface e o crescente interesse em criar veículos “personalizáveis” na internet fez com que os blogs virassem febre. Uma “doença” mundial. De acordo com uma pesquisa feita pelo site Technorati.com, em 2007, a rede mundial de computadores já registrava a presença de 70 milhões de blogs. A cada dia, novos 120.000 blogs eram criados – uma cifra que representa 1,4 blogs sendo criados por segundo todo dia. Números de respeito. E isso em 2007, quando foi feita a pesquisa mais recente da instituição com este tipo de contagem.

Ainda segundo a pesquisa State of the Blogosphere 2007, produzida pelo Technorati², a blogosfera, como se convencionou chamar, é um ambiente que engloba diversas nações do mundo. Em junho de 2008, foram registrados blogs em 81 línguas diferentes, provenientes dos seis continentes. Os autores que movimentam esta onda na *web* são um grupo bastante heterogêneo. A pesquisa do Technorati indica que existem usuários de diversas procedências com diferentes objetivos na rede.

Existem aqueles que escrevem por *hobby*, o que representa 72% do grupo pesquisado. Estas pessoas afirmam que escrever no blog é lazer. Elas não lucram com a publicação e, geralmente, nem vislumbram esta possibilidade. Destes 72%, mais da metade afirma que escreve sobre reflexões pessoais. Para eles, o sucesso do blog é medido pela simples satisfação de poder escrever. Além dos *hobbyists*, como alcunha o Technorati, há aqueles que usam os blogs de forma profissional, fazendo algum dinheiro com suas páginas na internet. Neste contexto, existem 3 grupos de blogueiros: os *part-timers*, os *self-employeds* e os *pros*.

² Disponível em <http://technorati.com/state-of-the-blogosphere/>

Os *part-timers*, termo em inglês relacionado a atividades desempenhadas em meio período, representam 15% do grupo pesquisado. Eles blogam para complementar a renda, mas não consideram a atividade a sua principal função profissional. Os *part-timers* escrevem para compartilhar sabedoria técnica, para atrair novos clientes para os serviços que fornecem. Este grupo julga o blog como bem-sucedido a partir da sua satisfação pessoal em escrever e também pelo número de acessos ao endereço. Os *self-employeds*, algo como profissionais autônomos, são 9% do universo da pesquisa. Eles afirmam blogar por período integral, para sua própria empresa ou organização – e, por isso, se diferenciam dos *part-timers*, que publicam apenas como atividade de meio período. Em seus blogs, eles costumam falar do próprio negócio e medem a popularidade dos seus escritos através do número de acessos e da satisfação pessoal em escrever. Por fim, temos os *pros*, os profissionais, que totalizam 4% do grupo pesquisado. Assim como os *self-employeds*, eles blogam para a sua própria companhia ou organização. A única diferença entre eles e os *self-employeds* é o fato de estes blogarem por mais de 40 horas por dia, enquanto os *pros* não costumam chegar a este número. Os *pros* falam sobre expertise profissional e querem atrair novos clientes para o seu negócio a partir do blog. O número de acessos ao blog é o que determina para a maioria deles o sucesso dos seus textos.

O que a pesquisa do Technorati também detecta é uma predominância de três razões pelas quais blogar. Dentre todos os grupos citados acima, as pessoas blogam ou porque querem se expressar, colocar na rede pensamentos próprios, opiniões, pontos de vista; ou porque querem compartilhar conhecimentos e experiências; ou porque querem lucrar, fazer negócios. De uma forma abrangente, a mesma pesquisa ressalta que os blogs são definidos, em certo ponto, pelas narrativas pessoais. Isso porque 45% do público pesquisado afirma que reporta em sua página na internet reflexões pessoais, ou, como afirmam em inglês, *personal musings*.

Embora não existam muitos dados específicos sobre o Brasil, é claro que nosso país tem um grande número de representantes na blogosfera, que se encaixam nos parâmetros colocados acima. No artigo *Warblogs: Os Blogs, a Guerra no Iraque e o Jornalismo Online*, a pesquisadora Raquel Recuero, sugere cinco vertentes para o uso dos blogs. De acordo com Recuero, eles se dividiriam entre diários, publicações, literários, clippings e mistos.

Os diários seriam aqueles blogs permeados de relatos pessoais e do cotidiano, semelhantes aos diários que se costuma escrever em papel. Nestes blogs, o texto é todo feito

em primeira pessoa, com comentários, opiniões, álbum de fotografias, etc. O grande tema aqui são as histórias e as impressões do autor em relação ao mundo que o cerca.

Já as publicações seriam uma espécie de noticiário em forma de blog. Nestes espaços, os autores publicam reportagens próprias, além de conteúdo noticioso. O importante neste tipo de blog é o propósito informativo.

Nos blogs literários, é feita a divulgação de material ficcional, narrativas, crônicas, poesias, enfim, experiências literárias construídas na rede. Aqui, o autor do blog se aproxima do autor de livros, só que desfrutando do meio virtual.

Teríamos ainda os clippings, blogs que remetem à idéia de apanhado. Neles, são divulgados recortes de outras publicações, inclusive outros blogs. O detalhe é que, nos clippings, não há acréscimo de informações ou de comentários pessoais do autor. Por fim, temos os blogs mistos, que reúnem dois ou mais dos filões citados acima.

Apesar de estabelecer categorias para cada tipo de publicação, Recuero aponta uma característica comum a todas elas: “A matéria-prima dos *weblogs* é, deste modo, a informação, seja ela pessoal, seja ela opinativa, seja ela meramente enunciativa” (RECUERO, 2003, p. 3).

1.2 – Blog: o espaço do eu

Independente do conteúdo que veicule, o blog é um espaço de subjetividade. Diferente de sites institucionais, corporativos, comerciais, o blog é a voz do usuário que o registrou. O espaço é dele. É o usuário que determina o que publicar, quando publicar e como publicar. Além disso, ele também controla os comentários. Pode abrir o blog para interatividade máxima, permitindo a instantânea publicação de comentários de qualquer pessoa. Ele também pode submeter esses comentários à aprovação, ou mesmo proibir os comentários na página. É o senhor da página em questão. Por isso, o texto dos blogs pode ser curto, longo, fragmentado, sequencial. É o blogueiro quem decide. Há ainda a possibilidade de o texto ser acompanhado por fotos, áudios, vídeos. Vale tudo no blog, desde que o dono dele assim o queira. Este tipo de liberdade faz com que a curva de popularidade seja ascendente e cresça sob uma lógica geométrica.

Foi justamente este poder subjetivo que despertou o interesse para a realização do presente trabalho. Face a força da subjetividade na blogosfera, a pesquisadora Denise

Schittine realizou um amplo estudo sobre a escrita íntima neste espaço que ajuda a entender este fenômeno na rede. Para Schittine, o blog se notabiliza por satisfazer a vontade do ser humano de ser lido. Ele permite essa leitura sem que o autor precise ser interpelado pelo público e também garante o acesso dos desejáveis leitores desconhecidos que se identificam com os assuntos tratados no blog. E é o blogueiro quem decide como contar a sua história para os leitores.

“O diarista virtual determina quem pode se aproximar de seus segredos mais íntimos e quem não deve suspeitar deles através de senhas, do texto cifrado e do acesso restrito ao blog. É ele quem estabelece o quanto o leitor comum deve saber de sua vida particular e o que deve ser mantido em sigilo”. (SCHITTINE, 2004, p. 19 e 20)

Blogs com senha já não são mais um fenômeno forte na rede, como Schittine identificou na época de sua pesquisa. No entanto, o blogueiro controla o quanto revela de seus segredos pelo simples fato de ser o senhor de si em seu espaço virtual. O texto pode ser hermético e revelar algo apenas aos mais atentos. O endereço do blog pode ser ainda apenas divulgado para amigos, na intenção de manter este segredo entre conhecidos. Seja como for, a revelação do segredo, do privado, a confissão no blog acontece por conta de uma busca pelo Outro.

De acordo com Schittine, é este Outro que, junto com o autor, vai ajudar a tecer a trama de que é feita a memória do blogueiro. A história contada no blog só atinge o objetivo quando o Outro a lê e faz com que ela seja propagada. O blog serve, neste contexto, para arquivar a própria memória do autor, ansioso por levar sua história à posteridade. A pergunta que se coloca aqui é: por que a vida íntima de alguém pode interessar a outras pessoas, que não ele mesmo? Schittine afirma que, na maioria das vezes, o *voyeurismo* é um dos maiores atrativos para o público leitor de blogs. Ela ainda vai além. Para Schittine, a escrita confessional atrai por conta do processo de identificação instituído entre blogueiro e leitor. Os autores de blog adotariam o gênero confessional porque buscariam no Outro um espelho – a sociabilidade através dos pontos em comum entre o objeto real e o objeto refletido.

O relato da intimidade no blog é feito a partir de um processo de escrita muito peculiar. O diário íntimo na rede é uma oportunidade de observar a representação que o indivíduo faz de si mesmo, do seu “eu” e de suas inquietudes, como afirma Schittine. A escrita íntima é sempre produzida em meios a traços de ficção. Embora o autor esteja sempre falando da “verdade” da sua vida, nada indica ou garante ao leitor que aquela seja a “verdade”

dos fatos. Além disso, o suporte computador permite que o autor reescreva, reordene, conte novamente os seus pensamentos, diferentemente do modo que ele o fez antes.

É interessante notar que, ao escrever sobre si mesmo ou sobre suas opiniões e impressões do mundo, o blogueiro deve sempre levar em conta o outro lado. O leitor está lá e o blog só permanece “vivo” enquanto o leitor continuar visitando a página, lendo os *posts*. Logo, seja qual for o conteúdo eleito, a escrita deve ser interessante, atraente. De acordo com Schittine, “uma escrita hermética e demasiadamente subjetiva não é a melhor saída para a internet” (SCHITTINE, 2004, p. 155). Daí surge a necessidade dos *posts* serem ágeis, informais e frequentes. Além da agilidade, o conteúdo deve ir além da descrição das atividades do dia-a-dia do autor.

Ao falar sobre sua vida, o blogueiro não fala só da sua rotina. Ele fala também da sua visão sobre as coisas do mundo. Interpreta e comenta as notícias que lê. Conta histórias de acontecimentos que testemunhou. Recria fatos da própria vida numa narrativa fantasiada. Assim, o texto íntimo se aproxima da crônica, do ensaio e até mesmo da ficção.

Para Denise Schittine, o blog é um espaço de memória do seu autor, ligado à necessidade humana de buscar a imortalidade, a permanência. É também um espaço de segredo, onde se pode ou não contar a intimidade a um desconhecido. Nele, também se fortalece a tensão entre o público e o privado, já que aquilo que é íntimo, pessoal, passa a ser divulgado para muitos. A partir da observação dos fatos e da produção de ficção, os blogs também carregam as tintas do jornalismo e do romance.

É neste ponto que identificamos o fenômeno que vem demonstrando fôlego na rede mundial de computadores. Tal fenômeno se encaixaria na categoria de blog misto, estipulada por Raquel Recuero. Teríamos aí uma mistura dos blogs diários com os literários. Como falar da própria vida tende sempre a ser uma espécie de escrita romanceada, estas duas vertentes caminhariam juntas. Voltando ao arcabouço teórico de Schittine, é possível definir o texto deste tipo de blog como uma combinação do pessoal, do noticioso e do ficcional. São textos breves que contam de forma ágil a visão do autor dele mesmo e do mundo que o cerca. Por isso, são textos muito próximos do que Roland Barthes chama de biografemas, as unidades mínimas de memória. Em poucas palavras, o biografema pode ser definido como “pedaços” de uma vida expostos em palavras, escritos através de metáforas e interpretações, idealizados a partir da visão daquele que escreve, daquele que viveu a vida em questão.

1.3 – As “escritas de si” em Clarah Averbuck e Bruna Surfistinha

O interesse neste estilo de escrita virtual nos leva a dois exemplos brasileiros de grande fôlego e muito notáveis em termos de sucesso dentro e fora da rede. Neste trabalho, vamos analisar a produção blogueira de Clarah Averbuck e Bruna Surfistinha, pseudônimo de Raquel Pacheco. Estas duas mulheres povoaram a mídia brasileira por criarem, em seus blogs, interessantes e populares “escritas de si”, como parece adequado chamar suas produções textuais.

É muito fácil achar minibiografias de Clarah Averbuck na internet. Escritora, jornalista, cantora e atriz, são muitas as modalidades profissionais em que ela se encaixa. Clarah nasceu em Porto Alegre, em 26 de maio de 1979. Começou a escrever num fanzine distribuído na internet, chamado CardosOnline, ao lado de Daniel Pellizzari e Daniel Galera. Paralelamente, trabalhava como *free lancer* em revistas como Showbizz, Trip e TPM. A experiência como atriz vem de pequenas participações em produções cinematográficas, como o papel de prostituta que fez no curta *Nocturnu*, de Dennison Ramalho. A parte cantora é exercitada em bandas de jazz, como a atual *One Eyed Cat*.

A entrada de Clarah no mundo dos blogs se deu com o fim do CardosOnline, após três anos de trabalho. Para continuar escrevendo, Clarah fundou o já não mais atualizado blog *Brazileira!Preta*³. Desde então, já criou e sepultou um segundo blog – o *Adios Lounge*⁴ – e escreve, atualmente em *O mundo, o universo e tudo mais*⁵. Em todos os blogs, Clarah segue uma linha que poderíamos chamar de autoficção, seguindo o conceito apresentado por Diana Klinger em *Escritas de Si, Escritas do Outro*. De acordo com Klinger, este gênero opera numa interseção entre autobiografia e a ficção em si. Trata-se de um tipo de escrita em que não existe a linearidade da autobiografia, mas há o relato das experiências vividas pelo autor. Como numa boa ficção, neste gênero não interessa a relação do relato em questão com uma verdade prévia a ele. Segundo Klinger, ao produzir autoficção, o autor hoje fala com sua própria voz, mas avisa ao leitor que este não deve confiar na sua versão da verdade. Ainda de acordo com Klinger, a autoficção é uma máquina de mitos do escritor. O termo autoficção foi

³ <http://www.brazileirapreta.blogspot.com/>

⁴ <http://www.adioslounge.blogspot.com/>

⁵ <http://clarahaverbuck.virgula.uol.com.br/>

cunhado pelo escritor e crítico francês Serge Doubrovsky em 1977, para fazer referência ao romance que publicara naquele ano, *Fils*. Para ele, a autoficção é uma ficção de si, no sentido psicanalítico do sujeito que cria um romance da sua vida.

“A autoficção é a ficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo, incorporando, no sentido estrito do termo, a experiência de análise, não somente no tema, mas também na produção do texto.” (DOUBROVSKY apud KLINGER, 2007, p. 52)

Para a pesquisadora Josilene Marinho, autora do artigo *A internet como espaço literário – narração e experiência no blog*, a autoficção consiste numa mistura entre realidade e ficção.

“Esse tipo de narrativa pode ser vista como um ato performativo, através do qual o indivíduo se produz. A pergunta que muitas vezes se faz é ‘quem é essa primeira pessoa que se mostra?’. É o indivíduo moderno, aquele que vai construindo sua individualidade a partir daquilo que escreve, que vai se conhecendo e se construindo como sujeito?” (MARINHO, 2008, p. 3)

E é assim que opera Averbuck. A partir da observação de seus blogs, é possível identificar as variadas construções que Clarah faz de si mesma. São textos em primeira pessoa, relatando as agruras, os anseios e as situações mais mundanas do cotidiano. No atual blog, um recente post de Clarah relata uma experiência comum ao cotidiano de muita gente.

“até deprimido de voltar pra casa. casa é outro departamento: isso aqui precisa mudar. essa casa ou eu de casa, de preferência eu de casa. pra voltar a ser *a minha casa* e eu conseguir existir aqui dentro. preciso de faxineira pois a última decidi que eu não tinha dinheiro para pagá-la desde um dia que fui no caixa 24h e ele não estava conectado ao banco do brasil. desculpe, senhora, pelo menos para isso eu tenho algum dinheiro, mas pode ir, obrigada. hoje vou fazer faxina. acordei cedo, fiz chá, vou em busca de um café, compro comida para os gatinhos – ah, falei de um gatinho novo? é o Frederico.”⁶

É possível notar no excerto acima a linguagem típica de internet – informal e ligeira. Vemos que não há o uso de letras maiúsculas no início das frases. O conteúdo surge como num fluxo de pensamento. Clarah fala do seu dia e confessa a insatisfação em ser dona-de-

⁶ Publicado em <http://clarahaverbuck.virgula.uol.com.br/> no dia 13 de maio de 2010.

casa. Traços claros do formato diário e o relato de uma situação real em primeira pessoa, tudo como numa autobiografia.

Em outros momentos, Clarah se afasta da escrita “diarésca”. Cria textos que pertencem a seara da ficção. São trechos que não tem referência com o seu cotidiano, que consistem em criações artísticas da autora, embora ainda apareçam em primeira pessoa.

“a saudade é uma filha-da-puta que não respeita nada, senta na sua sala e fica olhando bem na sua cara. pensando assim: ‘sua babaca’

e também:
‘eu te avisei’
quer dizer,”⁷

Na transcrição do texto, optamos por manter a diagramação que a autora usou no blog. Podemos perceber a liberdade de disposição das palavras. Cada frase em uma linha, grande espaço entre dois momentos do texto. Um tipo de construção que sugere uma entonação, um estilo de leitura. O mesmo tipo de linguagem aparece no *post* de uma linha só.

“fingir estabilidade é pior do que fingir gozo.”⁸

E ainda no *post* a seguir, em que também foram mantidas a diagramação, a pontuação e a ortografia propostas pela autora.

“tem tanta coisa que não importa
saio aqui nesta janela com a pior vista da praça rusvel da qual eu tanto
reclamo e penso: não importa

não importa de quem ou para quem
não importa se foi ou se foi inventado

não importa se sou eu ou você.

importa a ardência no nariz
o aperto no peito
o gozo
o quase gozo
umas idas e vindas uns começos e uns fins
a montanha de travesseiros que conseguimos fazer na nossa cama grandona
o som bem equalizado

⁷ Publicado em <http://clarahaverbuck.virgula.uol.com.br/> no dia 29 de dezembro de 2009.

⁸ Publicado em <http://clarahaverbuck.virgula.uol.com.br/> no dia 05 de outubro de 2009.

a vida,
 meu querido,
 a vida
 e todo esse amor que nunca vai embora.
 amor não é jogo de azar
 isso aqui não é las vegas
 e jamais conseguiremos fugir de nós mesmos.
 lembra?”⁹

Os relatos de formato diário se repetem no blog *Adiós Lounge*.

“cheguei. pura hostilidade. chorei até doer no dia de ontem. ah, a brasilidade. neguinho querendo furar fila. querendo ser esperto. a cultura do ser mais esperto. isso me enche os pacovás. neguinho levantando quando o avião pára e ficando lá em pé por horas até que as portas se abram só... pra que mesmo? só pra se amontoar na esteira de maneira que ninguém mais consiga se aproximar dela porque quer pegar sua mala *primeiro*. ai eu fico louca. o caminho de guarulhos até em casa, a feiúra e desconjuntamento da cidade horrenda e a dorzinha bem aqui me dizendo que ainda pode piorar.”¹⁰

De forma análoga, os *posts* de cunho ficcional também aparecem em *Adiós Lounge*.

“você me deu um buquê de flores, as flores mais lindas que eu já vi. mas elas foram murchando e murchando e eu regava e cuidava e não entendia porque elas continuavam a murchar. dei sol, chuva, terra e água. dei amor, dei luz, dei rua e casa.

nada adiantou.
 as flores que você me deu estavam mortas, meu bem.”¹¹

A mistura do diário e da ficção começou no primeiro blog de Clarah, o *Brazileira! Preta*. Foi a partir da publicação deste blog que Clarah se revelou para o mundo e conquistou uma legião de fãs. Os *posts* deste blog, que foi criado em 2001 e esteve ativo até 2005, são especialmente interessantes para este trabalho e vão ser analisados em mais profundidade nos próximos capítulos.

Assim como Clarah, outra mulher alcançou níveis impressionantes de popularidade no mundo virtual ao escrever num blog. Raquel Pacheco, também conhecida como Bruna

⁹ Publicado em <http://clarahaverbuck.virgula.uol.com.br/> no dia 30 de agosto de 2009.

¹⁰ Publicado em <http://adioslounge.blogspot.com/> no dia 24 de outubro de 2008.

¹¹ Publicado em <http://adioslounge.blogspot.com/> em 11 de junho de 2007.

Surfistinha, virou celebridade ao narrar, na blogosfera, os detalhes picantes de suas experiências como garota de programa. Com conteúdo erótico, sem papas na língua, o endereço www.brunasurfistinha.com rapidamente virou febre na internet, chegando a um pico de 15.000 acessos por dia em 2005.

Nascida em 1984, Raquel é a filha adotada de um casal de classe média. Frequentou boas escolas, vivia de acordo com o status quo até que descobriu a adoção. Revoltada com a situação, Raquel virou a clássica adolescente-problema, o que alimentou uma relação conflituosa e violenta com os pais. Acuada dentro da própria casa, ela resolveu abandonar a vida confortável que tinha e virou, aos 17 anos, garota de programa. Entre um cliente e outro, Raquel – ou Bruna Surfistinha, segundo o pseudônimo que usava – conheceu um advogado. Apaixonada, decidiu mudar de vida e parou de fazer programas aos 21 anos. Hoje, aos 25, é casada com este mesmo advogado e ex-cliente.

O blog nasceu da necessidade de desabafar entre um programa e outro. Raquel começou contando as situações vividas na sua rotina de até 6 clientes por dia. O blog, criado em 2003, tem suas páginas atualizadas na rede até hoje. No endereço, Raquel criou diversas seções com vocações diferentes. Na seção *Meu dia-a-dia*, o blog de Raquel cumpre com a função básica de diário, narrando diferentes momentos do seu cotidiano.

“Durante a semana, um amigo do JP nos convidou para uma mega festa fechada no Moinho Eventos, antiga balada Moinho Santo Antônio, no bairro Mooca, em Sampa. É um lugar gigantesco onde há mais de cem anos atrás, funcionava uma fábrica. No auge da minha juventude, fui uma vez quando era baladinha. O lugar é lindo, a construção foi tombada e há muito da decoração antiga, tem um jardim lindo e arborizado, enfim, nem parece que estamos em São Paulo. A festa ocorreu na sexta, então na parte da manhã, fui ao salão para dar um trato nas mãos e nos pés, pois há quase dez dias estava sem esmalte, apenas com base. Acabei pedindo pra manicure fazer francesinha porque não fazia há muito tempo, e como ultimamente estava passando cores mais escuras, quis variar com as unhas francesas, que além de tudo, dá um aspecto de mocinha.”¹²

Esta seção-diário é a mais abastecida por Raquel, recebendo posts em intervalos de, em média, 5 dias. É possível acessar todas as entradas de texto de Raquel feitas a partir de

¹² Publicado em <http://naonaopara.virgula.uol.com.br/brunasurfistinha/?cat=5> no dia 23 de maio de 2010.

julho de 2009. Infelizmente, o material anterior a esta data não está mais disponível por conta de uma troca de provedores, como Raquel relata no próprio endereço.

Outra seção muito popular no blog recebe o nome de *No Divã com Bruna Surfistinha*. Nesta parte, a blogueira reassume o papel de garota de programa e responde dúvidas de leitores, que giram sempre em torno dos temas relacionamentos e sexualidade.

“Bruna, preciso muito da sua ajuda. Sou casada há menos de dois anos, antes do casamento nossa vida sexual era quente, sempre fui safada e topei tudo na cama. Depois que passamos a morar juntos, não sei o que aconteceu que o meu marido começou a me tratar de outro jeito na cama, ele não topa mais fazer nada de diferente, me diz que agora que sou esposa, não se sente mais a vontade comigo para realizar nossas loucuras. Não consigo entender! Ainda mais porque ele demonstra sentir ainda muito desejo por mim.

Flor,

Pra te consolar, você não é a única mulher que passa (passou ou passará) por esta situação. E em hipótese alguma se culpe, o problema não está em você. Tenha certeza disso!

O que acontece com muitos homens sexualmente falando é que, o que para eles antes era legal, se torna imoral! O que quero dizer com isso é que, para os que fazem parte deste grupo, a partir do momento que decidem ter a amada como esposa, eles querem tê-la como santa.”¹³

Esta seção registra publicação um pouco mais irregular, por depender da demanda dos leitores, mas é antiga no blog. Também há histórico de *posts* desde julho de 2009. Na seção *Então tá, né!*, Raquel escreve sobre o que chamou de flagras, observações do dia-a-dia e situações engraçadas das quais foi testemunha. Nesta parte do blog, ela afirma exercitar sua capacidade de observar, sem ser notada, o que acontece ao redor. O nome da seção, ela explica da seguinte forma:

“Quem me conhece pessoalmente, sabe que falo muito esta expressão. ‘Então tá,né!’ na verdade não quer dizer nada. Falo quando vejo ou ouço algo bizarro, que no mínimo acho engraçado e ao invés de criticar e dar alguma opinião inconveniente ou simplesmente gastar o meu tico-e-teco em vão tentando convencer algo a alguém, prefiro dizer: ‘Então tá, né!’”¹⁴

¹³ Publicado em <http://naonaopara.virgula.uol.com.br/brunasurfistinha/?cat=7> no dia 26 de abril de 2010.

¹⁴ Publicado em <http://naonaopara.virgula.uol.com.br/brunasurfistinha/?cat=13> no dia 29 de agosto de 2009.

Nesta seção, Raquel publicou apenas 2 *posts*. Em 23 de dezembro de 2009, a blogueira relatou a saia-justa criada num programa de perguntas e respostas de uma rádio, quando uma ouvinte, ao ser perguntada sobre qual era o país natal da cantora Lady Gaga, respondeu, sem titubear “Tocantins!”. Em 29 de agosto do mesmo ano, Raquel fala sobre uma estranha conversa com uma atendente de uma empresa de rastreamento de carros que não conseguia localizar um veículo a partir da placa e da marca.

Há ainda uma seção mista, chamada de *Sem categoria*, que reúne textos das mais diversas naturezas, que poderiam estar em *Meu dia-a-dia* e em *Então tá, né!*. Esta seção é atualizada com muita frequência, no mínimo bimensalmente, e também está viva no blog desde julho de 2009. Nela, Raquel fala desde as impressões sobre o livro *O pequeno príncipe* até a vontade de comprar uma agenda Moleskine.

Em todas as seções, Raquel costuma publicar textos relativamente longos – em comparação aos textos que costumam povoar a blogosfera. No entanto, ela usa a linguagem informal, com o emprego de gírias inclusive, tão comum aos blogs em geral. Com relação a conteúdo e estilo, o estudo dos *posts* disponíveis no atual endereço virtual de Raquel leva ao entendimento da publicação como um espaço focado no relato pessoal, no formato diário. Raquel conta detalhes do seu cotidiano, desde observações mundanas como a escolha do esmalte, até momentos de reflexão, como o texto sobre a famosa frase de Antoine de Saint-Exupéry: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. O exercício de uma mentalidade arquivista e a constante atualização são duas características do blog de Raquel que fazem com que os leitores sigam de perto a publicação, como define a pesquisadora Ana Cláudia Viegas.

“Importa guardar a memória não do passado, mas do presente. A constante atualização do texto se torna necessária não somente para não deixar o diarista esquecer, mas para alimentar a curiosidade do leitor, que acompanha passo a passo a vida de quem escreve. Constrói-se, assim, uma memória viva, dinâmica, mutável. As contribuições dos leitores dão a essa memória, também, um caráter ao mesmo tempo individual e coletivo.” (VIEGAS, 2005, p. 7)

Além disso, o “arquivo” de Raquel revela outra potencialidade do blog como o espaço do segredo. Em *posts* já não mais disponíveis na rede, Raquel relatava, sem restrições, os

encontros com clientes, na época em que atendia por Bruna. Ela revelava sua vida íntima em detalhes para milhares de leitores, que a liam avidamente, tornando o seu blog cada vez mais popular. Assim, Raquel é um exemplo fiel ao conceito de Denise Schittne do blog como a escrita do segredo.

Para Schittine, o blog possibilita uma cumplicidade, muitas vezes almejada, porém ao mesmo tempo temida, por conta do possível constrangimento da revelação face-a-face, para um parente ou a um amigo. Na rede, é possível revelar o segredo, desabafar sobre aquilo que é íntimo sem ter de enfrentar a reprovação de um conhecido. Na blogosfera, o autor estabelece o contato com um tipo de público novo, que se identifica com seus sentimentos. Afinal, por qual outra razão este público buscaria o endereço virtual e leria os *posts* do diarista? Em seu blog, Raquel se reconfortou com a possibilidade de falar sobre a sua atividade profissional, sem ter de enfrentar o preconceito existente contra ela. O espaço virtual permitiu que ela fizesse isso de forma livre, sem censura, e ainda conquistasse leitores que se interessassem pelo seu relato ou por mera curiosidade *voyeur* – e por isso mesmo sem recriminação do conteúdo – ou pela vontade de ser cúmplice das dificuldades que o trabalho escolhido por Raquel impõe.

Tanto Clarah quanto Raquel se tornaram *hits* na rede e, como veremos nos próximos capítulos, renderam livros e até mesmo filmes. As publicações das duas blogueiras viraram endereço obrigatório para milhares de internautas, que acompanhavam assídua e ansiosamente suas novas entradas de texto. No entanto, podemos observar que os perfis das duas blogueiras são bastante diferentes. Clarah, com sua vocação escritora, usa o blog para publicar conteúdo que mistura ficção e memória. Ao mesmo tempo em que relata acontecimentos do cotidiano, publica textos de clara inspiração artística, próprios da atividade ficcional. Já Raquel usa seu endereço eletrônico de forma quase terapêutica – sendo ora o paciente, ora o curador. Relata do mais banal ao mais inusitado no seu dia-a-dia, seja ele o de uma jovem casada há quatro anos, seja ele de uma adolescente prostituída por opção. A questão que se coloca, portanto, é: o que une estas duas blogueiras, além do claro índice de popularidade conquistado na rede? É o que vamos ver nos próximos capítulos.

Capítulo 2 – Blooks: os blogs que viraram livros

Como vimos no capítulo anterior, o blog abre um novo campo de autoria. Com uma interface de simples utilização e a possibilidade de uso gratuito, o blog se consolidou como um espaço virtual aberto a qualquer pessoa que tenha o ímpeto de publicar algo. A tela em branco está disponível para quem quiser preenchê-la, sem que haja restrições em relação ao conteúdo. Cabe ao dono do blog decidir tudo, desde a natureza do texto que vai ser publicado até mesmo a cor de fundo da página em que este texto será postado.

Embora tenha como forte característica a autonomia do autor, o blog nos remete a outro meio célebre de comunicação – de não tão abundante autonomia: o livro. Ao contrário do blog, o livro é um meio de comunicação antigo e consagrado. Sua história remonta à criação do códex, estrutura que era compilada em páginas e que substituiu o volumen, feito em formato de rolo. O códex surgiu na antiguidade, entre os gregos, para sistematizar leis, mas foi aperfeiçoado pelos romanos, nos primeiros anos da Era Cristã. Desde então, o material das páginas, o tamanho das edições, a organização do texto e o tipo de impressão mudaram. No entanto, o formato códex é utilizado até os dias de hoje para publicações dos mais variados conteúdos: romances, poesias, didática, não-ficção, artigos, entre vários outros gêneros.

Em 2007, foram vendidos, só no Brasil, cerca de 330 milhões de livros no formato códex. Os dados são de um estudo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da Universidade São Paulo, divulgado em 2008¹⁵. A pesquisa revela que o faturamento do mercado editorial brasileiro foi de 3,013 bilhões de reais em 2007. No entanto, o maior comprador de livros no Brasil não é o público em geral, mas o governo, que é responsável por 24% das vendas no setor. Além disso, este mercado é dominado pelos livros didáticos, que detêm 1,6 bilhão do faturamento, mais de metade do total. A ficção e a não-ficção são dois dos gêneros que se inserem no restante do faturamento. De acordo com o estudo da Fipe, a tendência do setor livreiro no Brasil é crescer.

¹⁵ Resultados disponíveis em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u451063.shtml>

A curva ascendente, embora num ritmo muito maior, também caracteriza o movimento da blogosfera, que a cada ano ganha milhares de adeptos. Embora guardem esta semelhança, o mundo blogueiro e o universo dos livros diferem em muito, principalmente no que tange a já falada autonomia do autor. No mundo virtual, para se tornar autor, basta querer. Aquele que deseja publicar seus *posts* só tem de procurar um serviço que possibilite este tipo de criação, se registrar e começar a escrever. Já para adentrar o setor livreiro, existe todo um processo de seleção. Para se tornar um autor no meio impresso, é preciso que uma editora encampe a ideia do escritor. Só é possível fugir do funil das editoras quando o autor dispõe de recursos próprios para financiar a publicação de sua obra. Vale lembrar ainda que os *posts* em blogs são, geralmente, livres para acesso de qualquer internauta que deseje lê-los. Já o livro implica um processo de produção caro, que requer conhecimento apurado de técnicas específicas e diversas. Por isso, ele também impõe um custo para quem queira dispor de seu conteúdo.

Ainda no campo das diferenças, a condição de “senhor de si” que o blog proporciona não costuma se reproduzir no mercado livreiro. Quando se aprova um original junto a uma editora, é certo que o texto passará pelas mãos de um editor. Este sugerirá diversas mudanças no material. Situação que não existe nos blogs, já que, neles, o usuário é autor, editor, copidesque e revisor. Este acúmulo de funções gera um total controle sobre o texto publicado. No livro, este texto vai ser lapidado por várias mãos.

2.1 – Diferenças que levam a algo em comum

Blogs e livros. Dois meios que guardam tantas diferenças e uma grande semelhança: o poder da escrita. Poderiam estes dois meios se cruzar? Um movimento recente no mercado editorial mundial e brasileiro aponta que sim. O cruzamento se dá da seguinte forma: um blog começa a fazer sucesso na internet e atrai um número expressivo de leitores. Tal sucesso chama a atenção da editora, que acredita no texto e decide publicá-lo. Assim, dos *posts* de um blog, nascem páginas de um livro.

Este movimento vem ocorrendo no mercado livreiro de várias partes do mundo. Vejamos o exemplo que vem de uma das capitais mundiais da literatura. Organizado pelo jornalista suíço Serge Michel, o título *Um livro para entender o incêndio*¹⁶ reúne uma série de

¹⁶ Informações retiradas do artigo *Blogs que viraram livros*, de Luiz Mendes, disponível em <http://zaragata.multiply.com/journal/item/3>

relatos escritos por dez jovens de 18 a 26 anos, vindos da periferia parisiense. Os relatos mostram como cada jovem entendeu os conflitos acontecidos em novembro de 2005 na periferia da capital francesa. Com o peso da exclusão nas costas e a etiqueta social de imigrantes nas testas, manifestantes queimaram carros diariamente durante um mês, diante dos olhos de uma bem equipada polícia, atônita por não saber como agir. Motivado pela realidade que o discurso de cada uma dessas 10 pessoas continha, Serge fez um blog para que cada um pudesse escrever sobre a sua experiência. O sucesso do endereço eletrônico levou à publicação em meio impresso. Vale aqui a pergunta: teriam estes jovens a oportunidade de registrar em livro suas experiências duramente reais não fosse a passagem pelo mundo virtual?

De forma análoga, mas com conteúdo de outra natureza, podemos citar um exemplo vindo dos Estados Unidos. É o caso de *Julie and Julia: 365 days, 524 recipes, 1 tiny apartment kitchen* (*Julie e Julia: 365 dias, 524 receitas e 1 pequena cozinha de apartamento*, em tradução livre). O livro conta a história de Julie Powell, uma frustrada secretária nova-iorquina que tenta chacoalhar a vida monótona ao decidir preparar, no período de um ano, as 524 receitas que constam do primeiro volume de *Mastering the art of french cooking* (algo como *Dominando a arte da cozinha francesa*) da chef e apresentadora de TV americana Julia Child. O projeto foi narrado no blog *Julie/Julia Project*. O livro reuniu os relatos da incansável Julie e também contou com os comentários deixados pelos visitantes mais fiéis, que Julie chamava de *bleaders* (mistura de blog com *readers*).

A criação de livros a partir de blogs anda tão em evidência nos Estados Unidos que já existe um prêmio para iniciativas dessa natureza. O *Blooker Prize*, nome que vem da mistura da palavra *book* com o termo *blogger*, premia os melhores livros oriundos da internet. E a publicação originada do blog de Julie Powell foi a vencedora do *Blooker Prize* de 2006. Já o vencedor do *Blooker Prize* de 2007, *My war – Killing time in Iraq* (título que contém uma dubiedade, pois pode ser traduzido como *Minha Guerra – Matando o tempo no Iraque* ou *Minha Guerra – Tempo de matar no Iraque*), reúne os depoimentos postados pelo californiano Colby Buzzell. Colby trocou uma vida sem muitas perspectivas por um futuro nas Forças Armadas. Alistou-se e foi para o Iraque lutar pelos EUA. Para digerir os absurdos da guerra, Colby sentiu a necessidade de escrever e, assim, começou o seu blog. Tentava, com seus relatos, mostrar como o conflito da vida real é bem diferente do que é divulgado pelo governo americano à época.

Os pesquisadores Glaucio Aranha, Patricia Azevedo e Elisa Vidal relatam outro sinal claro da expansão do movimento livros que vêm de blogs no artigo *Das telas para o papel: blogs como fonte para a Literatura de Massa*.

“As próprias mantenedoras de blogs demonstraram estar cientes deste tipo de uso, estimulando este fenômeno, como é o caso de Blogger, da Google, que se valendo da própria ferramenta já orienta seu usuário no sentido de *como fechar um contrato para escrever um livro com seu blog*.” (ARANHA; AZEVEDO; VIDAL, 2008, p. 4)

No Brasil, o fenômeno também está em voga. O blog *Mothers* de Juliana Sampaio e Laura Guimarães se transformou em *hit* na rede mundial de computadores e acabou virando livro. Criado com o intuito de contar as experiências de Juliana e Laura como mães modernas, o blog conquistou várias leitoras assíduas e participantes. Os posts de Juliana e Laura aliados aos comentários das leitoras resultaram no livro de mesmo nome do blog. O livro, diga-se de passagem, virou série de televisão homônima. Outro exemplo interessante deste movimento se originou no blog *Balde de Gelo*. Nele, o jornalista Marco Aurélio Góis dos Santos postou, junto com a colega Daniela Macedo, capítulos de uma história de ficção, alternando cada *post* com o ponto de vista do homem e da mulher no dia-a-dia de um casal. Os *posts* de Marco e Daniela foram compilados num livro com o mesmo nome do blog.

No entanto, os nomes mais marcantes deste movimento no Brasil são os citados neste trabalho. Clarah Averbuck foi blogueira responsável pela abertura deste campo no Brasil, publicando o seu primeiro livro em 2002 - *Máquina de Pinball*, pela editora Conrad. Além deste, Clarah já assinou outros 3 livros: *Das coisas esquecidas atrás da estante* (Editora 7Letras, 2003), *Vida de Gato* (Editora Planeta, 2004) e *Nossa Senhora da Pequena Morte* (Editora do Bispo, 2008). Já Raquel Pacheco é responsável pelo best-seller *O Doce Veneno do Escorpião*, publicado em 2005 pela Panda Books. O título alcançou a marca de 300 mil cópias vendidas – número registrado apenas por escritores de peso no Brasil. Além deste título, Raquel Pacheco também é a autora de *O que aprendi com Bruna Surfistinha* (Panda Books, 2006) e *Na cama com Bruna Surfistinha* (Editora Original, 2007).

Podemos entender, desta forma, o blog como espaço de experimentação do autor. Nestes endereços eletrônicos pessoais, estão sendo criados e distribuídos conteúdos artísticos. Tanto que o material tem sido alvo de editoras em diferentes países. Se, quando

apareceram os primeiros blogs na internet, os textos eram vistos como irrelevantes desabafos diários de adolescentes, agora o blog se coloca como um espaço de publicação de histórias, de literatura. É como se os *posts* fossem ganhando ganchos e se assemelhando ao formato de folhetim, com os capítulos da história sendo publicados aos poucos.

2.2 – Da tela do blog às páginas do livro

Constatado o fenômeno que se impõe ao mundo dos livros, surge a necessidade de entender como se dá o processo. Como transformar *posts* em páginas impressas? Qual é a natureza das publicações que surgem a partir dos blogs? Que tipo de impacto esta nova maneira de criar literatura pode ter nas publicações?

O blog abre a possibilidade de usar o espaço virtual como um caderno de rascunhos. É importante notar que o processo de criação de um escritor é, por excelência, solitário. Fosse na época das canetas tinteiro, fosse na época da máquina de escrever. Mesmo agora, no tempo do computador, o autor costuma escrever sempre sozinho. É claro que o texto do livro é, posteriormente, burilado pelo editor. Mas o autor nunca poderia mostrar seu texto para o público sem passar antes pela editora.

Com o blog, ele pode *postar* trechos da sua obra e testar a reação dos leitores. É possível, por exemplo, aferir a popularidade do texto, verificando o número de visitas daquele dado *post*. Além disso, ele também pode observar os comentários dos leitores, caso esta opção esteja ativada no blog. A partir do que fala o público, é possível proceder a mudanças no texto original e adaptações ao gosto do leitor. O blog seria um ensaio da produção final. Fábio Carpinejar, poeta e blogueiro, acredita numa renovação da escrita a partir da rede.

“(Os escritores) Perderam a ansiedade e a pressa de publicar, conhecem melhor seu trabalho porque saíram da gaveta e enfrentaram a exposição pública. Testaram estilos e formas. Não farão vanguarda por pose, mas por crença. Não soltarão nada no papel sem a contrapartida do treino. Os escritores da rede vivem treinando, vão jogar melhor nas partidas de campeonato.” (CARPINEJAR apud STARK, 2009, p. 36)

O poeta entende que a possibilidade de publicação em blogs acabou por valorizar o livro. Ele mesmo tirou proveito desta característica de laboratório que os endereços eletrônicos oferecem. *O amor esquece de começar* é o seu primeiro livro de crônicas. Todos os textos foram publicados no seu blog antes de serem transpostos para o papel. Para

Carpinejar, as publicações na rede são âncoras do livro. “Ainda queremos transar para casar. Não transar para transar” – é esta a imagem que Carpinejar usou, numa entrevista à pesquisadora Andréa Stark, para reforçar este ponto de vista. Para ele, o desejo dos blogueiros é eternizar os seus efêmeros *posts* nas páginas de um impresso.

“O livro é como a formalização. São raros os autores que mantenham um blog durante três ou mais anos e que não tenham interesse editorial. A resistência na Internet é literatura, porque significa que há um projeto e uma visão de mundo por detrás daquele endereço. Uma ambição de visibilidade”.(CARPINEJAR apud STARK, 2009, p. 37 e 38)

A partir desta visão de Carpinejar, surge um outro entendimento da função do blog na produção literária. Como terreno livre e acessível, os endereços eletrônicos pessoais se tornam uma vitrine para novos escritores. De acordo com Stark, um “lugar onde autores se arriscam e se apresentam a plateias maiores ou a mais uma platéia – uma gaveta aberta a todos” (STARK, 2009, p. 39). Neste sentido, o blog funciona como uma espécie de espaço de divulgação para uma obra em produção. O endereço na internet se consolida como um espaço que escritores sem obras publicadas têm para mostrar seus originais às editoras que possam encampar a iniciativa. Trata-se, portanto, de uma nova plataforma editorial.

Este tipo de função da blogosfera se revela extremamente interessante no Brasil, país em que o acesso ao setor editorial é muito limitado. O espaço nas editoras brasileiras costuma ser restrito à publicação de livros consagrados de autores nacionais ou estrangeiros. Quando há a publicação de um escritor iniciante, geralmente ela se dá por algum tipo de “credencial” – participação em um concurso literário, formação acadêmica, contatos profissionais, poderio econômico ou mesmo o famoso “quem indica”. Como afirma a pesquisadora Adriana Dória Matos no artigo *Escritores de Blogs: a web como espaço de criação e discussão sobre literatura*, a blogosfera é um viável “faça você mesmo”, que vem abrindo espaço para os novos escritores brasileiros neste saturado panorama mercadológico do setor editorial, sem a necessidade das ditas credenciais relacionadas acima.

2.3 – Os blooks e a realidade editorial brasileira

Uma das editoras brasileiras que acreditam no fenômeno e buscam textos na blogosfera é a Singular, que é controlada pelos mesmos acionistas da Ediouro. Pertence à Singular o selo BlogBooks, que tem como missão colocar no papel “os melhores posts dos

blogs mais populares do país”¹⁷. O selo entrou em atividade no ano de 2009 com a declarada finalidade de “conectar o mercado editorial à rica blogosfera nacional”¹⁸. A primeira leva de livros da editora surgiu do prêmio BlogBooks. Foram selecionados 12 blogs em 12 categorias diferentes. Cada um deles se transformou em um livro completo, seguindo os tradicionais processos de edição, revisão, diagramação, capa, ISBN e distribuição nas principais livrarias brasileiras online.

Dentre os livros publicados estão *Sexto Sexo*, com Fernanda Lizardo falando, claro, sobre sexo; *Papo de homem*, um blog de autoria coletiva que aborda o universo masculino; *Vi o mundo*, de Luiz Carlos Azenha, dentro da categoria política; e *Mensagens e Testemunhos*, vencedor da categoria religião, da autora Salette Ferreira. Além disso, o selo publicou um décimo terceiro livro. *Deu no Blogão* é inspirado no endereço eletrônico do novelista Aguinaldo Silva, tão popular que chega a ter três mil comentários por *post*. O prêmio BlogBooks acontecerá anualmente, nos meses de agosto e setembro. Assim, o selo promete ser um espaço perene para os blogueiros terem suas obras passadas para o papel.

Para o editor responsável pela empreitada, Alberto Schprejer, a blogosfera deve ser encarada como uma possibilidade de ampliação do mercado editorial. O editor afirma já ter se surpreendido inúmeras vezes com textos muito bem escritos na rede de autores que, provavelmente, já tiveram trabalhos recusados por editoras.

Schprejer acredita que a o interesse dos editores pela blogosfera foi aguçado pelo excesso de oferta. Para ele, o aumento da quantidade de textos disponíveis traz qualidade, através da descoberta de autores que estavam “escondidos” na rede.

“O mundo todo está na blogosfera, ela é a cara do mundo, só que publicado. A oferta tornou-se ilimitada! se tudo está na blogosfera, ampliou-se o campo de pesquisa, há mais cascalho para revolver e mais ouro para aparecer. Nesse sentido, o editor é mesmo garimpeiro.”¹⁹

A frase usada por Schprejer chama atenção. Se o mundo todo está na blogosfera, que tipo de conteúdos interessam e possibilitam a transformação de um blog para um livro? Nas

¹⁷ Citação retirada de <http://www.blogbooks.com.br/quemsomos.asp>

¹⁸ Idem

¹⁹ Íntegra da entrevista com Alberto Schprejer na seção “Anexos”.

obras que já citamos neste capítulo e nos exemplos de Averbuck e Pacheco, vemos que os textos fundados em experiências pessoais despertam o interesse das editoras. São inúmeros os exemplos de diários, de blogs baseados na visão que o autor tem do mundo, que viraram livros editados. Para Schprejer, há espaço para todos os gêneros. No entanto, o editor afirma que nem todo texto publicado em blog pode virar livro.

Segundo o editor do selo BlogBooks, o primeiro passo para avaliar uma empreitada como essa é verificar a atemporalidade do conteúdo publicado na rede. É preciso verificar se os textos continuam tendo sentido, depois de passada a data da postagem. Portanto, blogs de inspiração jornalística dificilmente viram material para publicação impressa. Como editor, Schprejer acredita em conteúdos que chama de “não perecíveis” – textos criativos ou com informação consistente sobre um tema específico. “Blogs de profissionais de ponta em seus segmentos são candidatos potenciais a se tornarem livros”, explica.

Ainda de acordo com Schprejer, o segundo passo para levar a frente um livro baseado num blog é buscar o conhecimento da audiência, ou seja, dos leitores do blog. Para se investir no projeto, é necessário avaliar a viabilidade comercial dele. Por isso, Schprejer afirma que um dos caminhos para se fazer este tipo de mensuração é usar ferramentas virtuais como os *pageranks*. Estes são mecanismos baseados em algoritmos matemáticos que ajudam a determinar a importância e a relevância de um site específico da internet. O sistema de *PageRank* foi criado pelos fundadores do Google, Larry Page e Sergey Brin, em 1998. Oferecido gratuitamente, o sistema é baseado nos votos que uma dada página da internet recebe. Quanto mais votos, mais importante é a página. O voto é equivalente, no sistema do Google, a um *link* em qualquer lugar da internet para aquela página. Assim, quanto mais linkada é uma página, mais popular, importante e relevante ela é. O interessante é que estes votos têm peso. Se sua página é linkada a outra página que está no topo do *PageRank*, este voto tem peso mais alto. Além disso, a presença em redes sociais como Orkut, Facebook e Twitter também são meios de avaliar a popularidade de um blog.

E como virar “garimpeiro” deste tipo de texto? Segundo Schprejer, o fundamental é manter a cabeça aberta e os olhos na rede. É preciso checar tudo o que for possível, mergulhar de cabeça no emaranhado de *links* disponíveis na rede. Para o editor do selo

BlogBooks, é preciso “estar aberto a surpresas, escutar o que as pessoas dizem e daí aguçar os critérios de seleção”²⁰.

Observando as posições colocadas por Schprejer, é possível analisar as potencialidades que os blogs de Clarah Averbuck e Raquel Pacheco apresentavam para virarem produtos editoriais impressos. Clarah destila no blog *Brazileira! Preta* toda sua escrita criativa em textos atemporais. Além disso, a blogueira deixa claro o uso do blog como espaço de divulgação, num *post* publicado após o lançamento de *Máquina de Pinball*.

“Coletânea de um bloooog? Sim, amiguinhos, coletânea de um blog. Existem livros de contos. De poesia. De crônicas. Por que não uma coletânea de textos publicados em um blog? Afinal, como eu estou cansada de dizer, mas continuo repetindo porque nunca param de perguntar, blog é apenas um meio de publicação para o que quer que o autor, dono e soberano do blog, queira escrever. Receita de bolo, resenha de disco, resmungos mal-amados, histórias, realidades, mentiras. No caso do meu livro, só não tem receita de bolo. Um livro, uma coletânea de um blog, que é apenas um meio de publicação para que os escritores não precisem de intermediários entre ele e os leitores. Não existe literatura de blog, só blog como meio de publicação para escritores e seus textos. Que podem perfeitamente ser publicados também em livro.”²¹

Já no caso de Raquel Pacheco, temos a presença de uma narrativa também atemporal e bastante original, já que não é comum encontrar relatos como os que ela apresentou em seu blog. Sem ironias, os *posts* de Raquel poderiam ser encaixados na definição de Schprejer de um blog de um profissional de ponta. Afinal, no seu endereço pessoal, Raquel relata sua experiência profissional bem-sucedida como garota de programa. Além disso, tanto o blog de Raquel quanto o de Clarah registraram índices de popularidade altíssimos na internet, com números de visitação expressivos e forte presença nas redes sociais. Em entrevista para o presente trabalho, Averbuck afirma que *Brazileira! Preta* chegou a ser o oitavo blog mais lido do mundo²². Já Raquel Pacheco tem perfis no Orkut e no Twitter. No microblog, Raquel é seguida, atualmente, por mais de 57.000 pessoas²³.

²⁰ Íntegra da entrevista com Alberto Schprejer na seção “Anexos”.

²¹ Postado em <http://www.brazileirapreta.blogspot.com/> no dia 10 de setembro de 2003.

²² Íntegra da entrevista com Clarah Averbuck na seção “Anexos”.

²³ Informação retirada da página <http://twitter.com/BSurfistinha>.

Uma vez selecionado o blog base para o texto e conferida a popularidade do endereço virtual entre os internautas, como deve ser o processo para transformas *posts* em livros? O blog é comumente escrito num registro bastante informal da língua. Os textos costumam estar povoados de gírias, palavras abreviadas e até mesmo símbolos típicos da internet (como as “carinhas” que indicam sensações, por exemplo ☺). Além disso, os blogs seguem a organização própria do seu formato, os posts sucessivos, datados e organizados do mais recente para o mais antigo.

A partir da observação de diversos *books*, é possível afirmar que transformar um blog em livro não consiste apenas na transcrição de um meio para o outro. Uma das primeiras transformações a serem empreendidas é a seleção de *posts* interessantes à publicação. Nem tudo aquilo que foi postado é necessariamente material a ser impresso. Depois de selecionados, estes *posts* devem ser organizados em capítulos – seja juntando dois *posts*, seja desmembrando um *post* em duas partes. Além disso, geralmente é necessária uma adaptação no registro da língua. O que é muito informal tende a ser aproximado da norma culta da escrita. Claro que erros gramaticais passíveis de aparecerem no blog não são transportados para a versão impressa.

Claro também que as etapas citadas acima não são obrigatórias. Toda adaptação de um veículo para o outro depende do projeto que o blogueiro deseja empreender no trabalho impresso. Este processo de transformação vem sendo feito com a ajuda de editores especializados no negócio do livro. Em parceria com eles, os blogueiros decidem que tipo de projeto vão tocar e desenham a estratégia de adaptação do conteúdo. A partir da experiência na publicação de 13 livros vindos de blogs, Schprejer acredita que o blogueiro seja o principal agente desta transformação.

“Acho que neste momento de interação entre as mídias, o editor não deve estar tão preocupado em adaptações, deixando que os blogueiros selecionem e organizem seus materiais, com o editor atuando como supervisor. (...) Quando o blogueiro é um bom escritor pouco há para ser corrigido. Quem escreve bem o faz sobre qualquer suporte. A questão é muito mais com a densidade dos conteúdos, a extensão, as suítes”²⁴.

O editor ressalta que, mesmo sendo o personagem principal neste processo, o blogueiro deve estar aberto a mudanças para que seja possível o nascimento do *book*. Para

²⁴ Íntegra da entrevista com Alberto Schprejer na seção “Anexos”.

ilustrar a importância e a necessidade desta adaptação, Schprejer cita o caso do blog Kibeloco²⁵. Criado em 2002 pelo publicitário Antonio Tabet, o blog tem uma média de quase 7 mil acessos por dia²⁶. De inspiração humorística, o blog é espaço para as sátiras e ironias de Tabet baseadas no que aparece no noticiário. Apesar de toda a popularidade, o projeto de transformar o Kibeloco em livro não foi à frente. De acordo com o editor Alberto Schprejer, o projeto teve de ser abandonado por dois motivos.

“Tivemos que desistir do livro do Kibeloco, justamente, porque a agilidade das piadas e dos comentários não se sustentava no papel e o autor não teve disposição para fazer as mudanças e adaptações para ter sentido a publicação daquele conteúdo em livro.”²⁷

Visto que o processo de transformação do conteúdo é imprescindível para a publicação impressa, um outro ponto merece nossa atenção. Uma das características mais badaladas do blog como espaço de autoria é justamente a possibilidade de interação com o público leitor. Como vimos anteriormente, os blogs geralmente têm um espaço aberto ao comentário dos internautas que visitam o endereço eletrônico. Teriam estes comentários influência sobre o conteúdo publicado na versão impressa? Baseado na sua experiência como editor de *books*, Schprejer afirma não identificar interferência clara dos leitores no texto dos livros.

A partir da entrevista concedida pela blogueira e escritora Raquel Pacheco, podemos constatar que o comentário cumpre função numa etapa anterior à publicação impressa - a pura e simples produção de conteúdo no blog, antes mesmo do livro se apresentar como uma realidade.

“Os comentários dos leitores não me influenciam, mas já aceitei sugestões de alguns temas. No início do blog, muitas pessoas comentavam: "quero que você escreva sobre como foi a sua primeira transa", e então escrevi um post sobre o assunto.”²⁸

²⁵ <http://kibeloco.com.br/kibeloco/>

²⁶ Dados retirados do serviço Alexa.com. O Alexa é um serviço de virtual pertencente à Amazon que mede quantos usuários visitam um site da web diariamente.

²⁷ Idem à nota 16.

²⁸ Íntegra da entrevista com Raquel Pacheco na seção “Anexos”.

No caso de Clarah Averbuck, a seção “comentários” nem mesmo é aberta ao leitor. Ela expressa sua opinião sobre a possibilidade de interação que a rede proporciona no seguinte *post*.

“Não quero saber se alguém concorda ou discorda com o que escrevo no meu diário. Quem realmente tiver algo a dizer, vai dar um jeito. Ninguém me paga para fazer isto, não tenho anunciantes, não devo nada a ninguém, então me reservo o direito de ser a pequena ditadora do pedaço. Era só o que me faltava alguém querendo me dizer o que fazer por aqui. (...) Isto não é uma página interativa. É minha. Fim.”²⁹

Ainda que não esteja aberto a comentários, o blog sempre funcionará como um laboratório da escrita. É neste espaço que jovens escritores vêm exercitando o texto, testando conteúdos, cavando o seu espaço no mercado editorial. Mesmo que o ponto de vista do leitor não seja bem-vindo, o blog se torna um espaço de experimentação ao permitir que o escritor meça a popularidade de seu texto (ou mesmo a falta dela). De solitário, o ato da escrita virou público, aberto e, muitas vezes, atualizado diariamente. A partir do ponto de vista de um editor que trabalha no ramo, é salutar que se analise a visão do blogueiro, aquele que abastece todo este novo ramo do mercado editorial. No próximo capítulo, vamos estudar obras de Clarah Averbuck e Raquel Pacheco em detalhes, explorando a visão que cada uma teve desta viagem das telas do computador para as páginas de um livro.

²⁹ Postado em <http://www.brazileirapreta.blogspot.com/> no dia 14 de Março de 2002

Capítulo 3 – Um estudo de caso: de Clarah Averbuck a Raquel Pacheco

Para Raquel Pacheco, o estabelecimento na blogosfera se deu, definitivamente, em 2004, após criar um endereço, desistir da empreitada e voltar a acreditar nela, registrando outra conta. Raquel diz que a vontade de escrever surgiu quando, ao fazer uma busca no Google, descobriu que simplesmente não existiam blogs de garotas de programa. Ela conta que a principal motivação para ser pioneira no assunto em páginas virtuais era a vontade de desmistificar a vida de prostituta.

“Muito mais do que simplesmente desabafar ou contar como era meu dia-a-dia, sempre tive vontade de mostrar para as pessoas que a vida de uma prostituta é muito comum, que não é porque eu era uma, que tinha uma vida diferente das mulheres. A única diferença era cobrar o sexo, nunca vi este detalhe como anormal. (...) Percebendo que as pessoas pensavam que a vida de uma prostituta é apenas sexo, queria com o blog, mostrar que não era bem assim, que eu não era um objeto sexual. Então o meu maior objetivo foi desmistificar a vida de uma garota de programa, mostrando a realidade.³⁰”

Raquel descrevia em seu blog as banalidades da sua vida e também o desempenho de seu ofício. As transas com clientes eram detalhadas e recebiam notas, de acordo com a experiência da prostituta – que afirma ter sempre tomado o devido cuidado para manter o anonimato dos clientes. Os leitores sabiam da profissão seguida por Raquel, mas só conheciam-na como Bruna Surfistinha, seu pseudônimo. Ela explica que muitos não acreditavam nos relatos do blog. Recebia e-mails e comentários com xingamentos e questionamentos. “Muitos diziam que eu estava mentindo, que não era garota de programa coisa nenhuma e a justificativa principal era que eu escrevia muito bem para quem dizia se prostituir. (...) só porque eu me prostituía era obrigada a ser burra?”, conta ela. Foram estes questionamentos que fizeram com que Raquel colocasse fotos e até contatos telefônicos no blog. O resultado foi que, além de diário pessoal, o blog serviu como instrumento de trabalho, atraindo muitos clientes.

Apesar de descrever as transas em detalhes, Raquel explica que este não era o principal relato íntimo do seu blog. Segundo ela, o que poderia ser considerado segredo para

³⁰ Íntegra da entrevista com Raquel Pacheco na seção “Anexos”.

alguns – a atividade sexual corriqueira – era o trivial da sua profissão. Falar sobre transas significa, para uma garota de programa, o mesmo que falar sobre receitas de remédios, para um médico. Por isso, Raquel afirma que o caráter confessional de seu blog está na revelação de aspectos da sua vida anterior à prostituição. Ela diz ter contado muito sobre o seu passado no blog, segredos que só confiava aos amigos mais próximos. Raquel afirma ainda que deixou o maior segredo a ser desvendado sobre sua história para o livro. Foi apenas na publicação impressa que ela revelou o real motivo da fuga de casa para o mundo da prostituição.

Ao escrever seus *posts*, Raquel pensava nos homens que tinham contratado seus serviços no dia. O momento de escrever no blog era sempre após o último programa, que costumava chegar ao fim por volta das 21 horas. Ela conta que costumava fazer anotações num bloco. Eram detalhes do programa, escritos assim que o cliente deixava a casa dela. Os *posts* nasciam destas anotações e das lembranças que Raquel tinha de cada um. Apesar de ter os clientes na cabeça enquanto escrevia, ela diz que nunca pensou num público-alvo. “Até mesmo quando o site tornou-se minha ferramenta de trabalho, não tinha a preocupação de atingir apenas homens, mesmo porque, desde o início, sempre notei através dos comentários e e-mails que recebia, que tinha muitas leitoras também”, explica Raquel.

Os clientes mais antigos eram os únicos para quem Raquel fazia divulgação do endereço eletrônico. Ela conta que, por muito tempo, não se sentiu confortável para falar do blog. O boca-a-boca se encarregou de espalhar a notícia. A primeira divulgação oficial, na mídia, aconteceu em agosto de 2004, quando Raquel concedeu uma entrevista ao jornalista Pedro Dória. A partir daí, a figura pioneira e peculiar que ela representava passou a povoar os mais diversos veículos.

A partir da ampla divulgação na mídia, surgiu o interesse da editora Panda Books em transformar o material publicado no blog em livro. Raquel diz que comentava, no próprio blog, a sua antiga vontade de escrever um livro sobre sua vida. Comentários que despertaram o interesse do jornalista Marcelo Duarte, dono da Panda Books. Surgida a proposta, os dois se reuniram para acertar os termos da produção. Ela afirma que logo topou o projeto pelo fato da editora prometer autonomia e colocar uma equipe à disposição para ajudá-la na produção do livro.

3.1 – Sexo e drama em *O Doce Veneno do Escorpião*

O Doce Veneno do Escorpião chegou às lojas em 2005 e virou rapidamente um *best-seller*, com 300 mil cópias vendidas. O texto inicia com uma espécie de preâmbulo vertiginoso, narrado em primeira pessoa.

“Toca a campainha. Atendo. Ele entra. Me beija no rosto e se apresenta, já que é a sua primeira vez comigo. Mesmo sem precisar, faço o mesmo. Pego ele pela mão e o levo até o sofá. Em clima de namoro, a conversa começa e logo ruma para a putaria.

‘Hoje, quero te pegar de jeito, por trás’.

‘Mas você quer minha bu... ou meu c...?’.

‘Eu quero tudo.’”³¹

Este e outros trechos do livro que detalham a rotina de Raquel como garota de programa – como Bruna Surfistinha – possuem uma formatação própria, fonte e corpo de letra específicos. A descrição dos programas no livro é intercalada com relatos do passado de Raquel anterior à prostituição. O primeiro trecho sobre a infância aparece na página 14.

“Um desconhecido. Eu dançava sozinha quando esse menino me puxou para um beijo. Minha primeira balada à noite. Nem perguntei seu nome. Meu primeiro programa de adulto. Liberdade aos 13 anos, quase 14. Não fazia nem meia hora que eu havia chegado. Meu primeiro beijo. Ali mesmo, do beijo passamos ao amasso, no meio da pista. Quando eu menos esperava, ele me largou. Tudo assim, sem sentimento, sem trocar uma palavra. Naquela noite, fiquei com outros dez garotos diferentes. Não bastava um: tinham de ser vários para me satisfazer. Raquel despertava para o sexo.”³²

Mas nem só de sexo é feito o livro de Raquel. Nos relatos sobre o tempo anterior à prostituição também há muito sobre a conturbada relação com os pais adotivos.

“Eu e meu pai tínhamos brigas terríveis, mas ele nunca havia me batido, por mais que eu temesse o contrário. No fundo, sempre achei que merecia. Por isso, vou revelar a verdadeira história de por que eu apanhei do meu

³¹ Trecho retirado de *O Doce Veneno do Escorpião*, páginas 5 e 6.

³² Trecho retirado de *O Doce Veneno do Escorpião*, página 14.

pai pela primeira vez. Nunca contei isso a ninguém por absoluta vergonha. Eu roubava.”³³

Os excertos acima aparecem em formatação diferente dos trechos em que o alter ego Bruna aparece como personagem principal. Formatações diversas que funcionam como claros divisores dos dois momentos que marcam a vida da blogueira-escritora, o antes e o depois da decisão de virar garota de programa. Os dois tipos de depoimentos são separados também por sinais gráficos, reforçando ainda mais a divisão. A própria Raquel, em entrevista reproduzida no anexo deste trabalho, afirma ter sentido a necessidade de separar Bruna de Raquel. Por isto, esta lógica de alternância impera em todo o primeiro capítulo do livro: *Raquel, a menina. Bruna, a mulher*.

É interessante notar também que, seguindo esta lógica, o livro reproduz a característica do blog de não seguir uma linha cronológica de acontecimentos. Raquel explica que, em um dado *post*, falava da ida ao shopping com uma amiga. No *post* seguinte, publicava uma lembrança da infância. Logo depois, publicava o “perfil” de um dos programas do dia. Esta mistura de tempos, assuntos e personas (Raquel/Bruna) nasce no blog – e é a tônica do livro. Raquel afirma que a lógica de alternância também foi defendida porque ajudaria a criar um clima de suspense na narrativa: “quando o leitor lesse um trecho sobre Raquel, ficaria curioso para chegar no próximo que seguisse a trajetória dela. Idem com a Bruna”, explica a autora.

No segundo capítulo, o texto intercala transcrições fiéis de antigos *posts* do seu endereço virtual – já não disponíveis na rede mundial de computadores – e trechos narrados em prosa, ambos baseados na sua vida como garota de programa. As transcrições dos *posts* reproduzem o layout costumeiro de um blog, como no trecho que abre o capítulo.

“Quarta, 27

PRIMEIRO PROGRAMA ☺☺

Perfil do cliente: a princípio, doidinho. Depois, até que ficou legalzinho. E é muito safadinho. Não rolou química nem afinidade.

Estilo do programa: mecânico.

³³ Trecho retirado de *O Doce Veneno do Escorpião*, página 65.

Fato interessante: ele comeu minha bu... pensando que fosse o c... Mas a culpa não foi minha. Eu juro.”³⁴

Observando os trechos apresentados acima, vemos que há a manutenção da linguagem do blog no livro. A censura que ela faz nas palavras “c...” e “b...” é comum aos dos meios. Da mesma forma, é comum encontrar no texto do livro manifestações típicas da escrita virtual, por exemplo, os sinais gráficos, como ☺, e as abreviações de palavras, como “rs” designando “risos”. Raquel explica que reproduziu a linguagem blogueira no livro, justamente, para deixar claras as suas raízes como escritora. “Todos sabiam que a facilidade que tive ao ter a oportunidade de publicar um livro surgiu a partir da fama na internet, então não faria sentido ignorar os detalhes do blog”, afirma.

Apesar da linguagem e o estilo de escrita se manterem inalterados – excetuando algumas correções de cunho gramatical e ortográfico –, o livro traz conteúdo inédito. Raquel explica que fez questão de incluir novas histórias e também desenvolver, detalhar mais alguns relatos extraídos do blog. “Como meu público alvo para comprá-lo eram os leitores do blog, não queria que encontrassem apenas o que já tinham lido”, diz ela em entrevista.

Para criar o livro, foi necessário realizar uma seleção de posts do endereço www.brunasurfistinha.com. Raquel diz ter sido um processo árduo, já que o blog estava no ar mais de um ano antes da decisão de publicar o livro. Segundo ela, o primeiro passo foi fazer uma grande peneira no material disponível na rede e também buscar outras histórias guardadas num arquivo pessoal. Coube a ela decidir quais as histórias que não poderiam ficar de fora da sua primeira publicação.

Durante todo o processo, Raquel contou com a ajuda de um *ghost writer*. Jorge Tarquini esteve presente na produção do livro desde a primeira reunião entre a blogueira e representantes da Panda Books. Raquel e Jorge tiveram alguns encontros nos quais conversavam livremente sobre a vida da garota de programa. Estas conversas foram gravadas por Tarquini. Foi ele quem organizou e formatou todo o material produzido, tanto os textos selecionados por Raquel quanto a transcrição dos arquivos sonoros.

³⁴ Trecho retirado de *O Doce Veneno do Escorpião*, página 94.

Apesar da ajuda, Raquel diz ter sido a principal autora deste processo de seleção: “O meu editor selecionou alguns *posts* interessantes, mas segui muito minha intuição, optando por aqueles que mais geraram polêmica ou excitação entre os leitores”³⁵. Ela ressalta que o material formatado por Tarquini passou por sua aprovação: “(...) tudo foi encaminhando para que desse minha palavra final, determinasse o que ficava e o que saia e, por fim, nasceu meu primeiro livro”³⁶.

3.2 – A autoficção de Clarah Averbuck em *Máquina de Pinball e Das coisas esquecidas atrás da estante*

No caso de Clarah Averbuck, podemos analisar dois processos diferentes de produção de livros por blogueiros-escritores. O primeiro livro lançado por Clarah, na verdade, nasceu antes mesmo do seu primeiro blog – o *Brazileira! Preta. Máquina de Pinball* começou a ser escrito em julho de 2001, enquanto o blog surgiu apenas em setembro do mesmo ano, após a morte do mailzine CardosOnline, onde Clarah publicava seus textos. Ela explica que decidiu fazer o blog porque acreditava ser a maneira mais fácil de continuar escrevendo sem ter de dominar complicadas linguagens de programação de páginas na internet. Em entrevistas, Clarah costuma dizer que ingressou na blogosfera por gostar de escrever sem prazo e sem pauta. Nada como um blog para se obter tamanha liberdade editorial.

Em entrevista para este trabalho, Clarah afirma que *Máquina de Pinball* foi um romance à parte, paralelo a sua inserção na blogosfera. “Quem achar referência a blog no livro ganha uma meia-calça cor-da-pele usada por mim”, brinca a escritora³⁷. A leitura do primeiro livro de Clarah, cruzada com a análise dos posts de *Brazileira! Preta*, permite concluir que a blogueira usava o espaço virtual como meio de divulgação da edição impressa. Clarah costumava postar trechos inteiros do livro em periodicidade irregular no blog. O trecho a seguir, por exemplo, foi publicado no dia 26 de setembro de 2001 e pode ser lido no mesmo formato, com as mesmas palavras, na página 18 de *Máquina de Pinball*.

³⁵ Íntegra da entrevista com Raquel Pacheco na seção “Anexos”.

³⁶ *Idem*.

³⁷ Íntegra da entrevista com Clarah Averbuck na seção “Anexos”.

“O Homem Glam

Eu estava nessa festa. E essa festa estava cheia de gente estrategicamente descabelada e moderninha. E eu lá no cantinho com meu whisky e meu gelo. Já mencionei que amo gelo? Adoro ficar mastigando e lambendo e botando e tirando da boca. O chato é que os voyeurs também adoram e ficam vesgos olhando. Tinha uns dois ou três em volta. Um saco, não se pode nem chupar gelo em público que os punheteiros se manifestam.

Então, do meio da massa de modernos, surgiu o Homem Glam. Palpitações.”³⁸

O desenrolar da história do homem glam segue no blog por mais bons parágrafos, exatamente iguais aos que aparecem no livro até a página 21, quando termina o capítulo em questão. A divulgação *Máquina de Pinball* no blog *Brazileira!Preta* inclui ainda chamadas para a publicação do livro em si.

“Para compensar a inutilidade dos últimos posts, aí vai mais um pedacinho de *Máquina de Pinball*, breve em uma livraria perto de você. (...)”

Então eu me apaixonei irremediável e irreversivelmente. Conheci esse cara que escrevia bem pra caramba, usava óculos de Buddy Holly, tocava guitarra, usava saia e, dizem, pintava os olhos. Interessantíssimo. Flertamos loucamente e estávamos quase efetivando o crime e chegou o amigo dele. E o amigo dele era dez mil vezes mais foda do que ele.”³⁹

É interessante notar que, com *posts* como o transcrito acima, Clarah demonstra a grande potencialidade do blog como fonte de bons textos para livros. Potencialidade esta ressaltada pelo editor Alberto Schprejer. “(...) O blogueiro tem uma nova qualidade no mercado, pois ele é sempre e ao mesmo tempo um autor-divulgador”, diz Schprejer na entrevista cedida para este trabalho. Clarah explica que o blog funcionou para dar continuidade a sua atividade como escritora. Para ela, foi a maneira de continuar publicando o que bem entendesse, na forma e tamanho que desejasse e, como ela mesma diz, “com quantos palavrões desejasse”.

O interessante é que embora *Máquina de Pinball* não seja inspirado em *posts* de *Brazileira!Preta*, os dois são dotados da mesma linguagem ágil. O livro tem capítulos curtos,

³⁸ Trecho retirado de *Máquina de Pinball*, página 18 e postado em <http://www.brazileirapreta.blogspot.com/> no dia 26 de setembro de 2001.

³⁹ Postado em <http://www.brazileirapreta.blogspot.com/> no dia 26 de novembro de 2001.

semelhantes ao que esperaríamos dos *posts* de um blog. No entanto, a autora explica que a inspiração para tocar o texto desta forma acelerada veio justamente da música – tema recorrente nos textos de Averbuck tanto no blog quanto no livro. Inclusive, todos os capítulos de *Máquina de Pinball* começam com trechos de letras de música.

Outro elemento que salta aos olhos na estreia de Clarah no mundo impresso é a caracterização de Camila, personagem que narra o livro. Lendo os relatos da protagonista e traçando um paralelo com os *posts* de *Brazileira! Preta* (aqueles que não eram capítulos prontos do livro), vemos que há muito em comum entre criador e criação. Camila funciona como um alter ego de Clarah. Vemos os mesmos gostos, traços físicos, reações emocionais, entre outras coisas. A autora explica que o que existe no livro são “situações tornáveis em ficção. Eu fiz uma grande bagunça com o real e a ficção”. Assim, Clarah aponta para a tendência de autoficção que identificamos anteriormente, nas narrativas construídas em blogs.

De acordo com a autora, o livro que de fato constitui uma reunião de *posts* publicados no seu endereço na blogosfera é o *Das coisas esquecidas atrás da estante*. Para este, que foi o seu segundo livro, Clarah fechou contrato com a editora 7Letras. Desta vez, o trabalho da blogueira foi selecionar *posts* que integrariam um livro. O texto que abre *Das coisas esquecidas atrás da estante* é o *post* do dia 10 de julho de 2002, em www.brazileirapreta.blogspot.com.

“Mudei.

Não sou a mesma pessoa de antes. Mentira. Sou sim, não posso evitar. Mudei só de casa.

Meu deus, que inferno que é mudar de casa. Nunca pensei que tinha tantas coisas. 2.177 caixas e 7.349 malas. Mais geladeira, fogão, máquina de lavar, o sofá, o carrinho de supermercado, a arara, a estante e os colchões. Imagina o que deve ser pra mudar uma casa de verdade, com móveis e tudo mais. Ouch. Se bem que as pessoas que têm casa, normalmente possuem reais para uma companhia de mudanças, o que facilita a vida de uma forma de jamais experimentarei. A casa nova é foda. Me sinto na torre mais alta de um castelo. Olho pela janela, milhares de prédios e casinhas e crianças brincando no quintal das casinhas. Não tem sol. Só para elas, só na rua. The sun doesn't shine down here in shadow.”⁴⁰

⁴⁰ Trecho retirado de *Das coisas esquecidas atrás da estante*, página 18 e postado em <http://www.brazileirapreta.blogspot.com/> no dia 26 de setembro de 2001.

Post e capítulo do livro têm exatamente o mesmo texto. A blogueira-escritora explica que o critério de seleção de *posts* foi simples: iriam para o prelo os textos que ela mais gostasse. Neste livro, a característica de *post* fica ainda mais forte. Os capítulos são ainda mais curtos que os de *Máquina de Pinball* – ressaltando o fato de que este sim é um livro totalmente inspirado em *posts* de blogs. Em *Das coisas esquecidas atrás da estante*, temos capítulos de pouquíssimos parágrafos. Há até o exemplo extremo de um capítulo que é composto por apenas um parágrafo – robusto, embora, ainda assim, único.

Outra característica que reforça a etiqueta de *book* para a segunda obra de Clarah é a linguagem fragmentada. *Das coisas esquecidas atrás da estante* não é um romance, com uma seqüência de fatos que se desenrolam, como acontece em *Máquina de Pinball*. Nem mesmo temos a presença de um personagem principal, como Camila, narrador-personagem da primeira obra. O segundo livro de Clarah é a reunião de relatos do dia-a-dia da autora – da ambientação na casa nova, passando pelas idas à academia, até o lançamento de um livro – que apesar de não citado, é possível concluir que seja o lançamento de *Máquina de Pinball*. São trechos de um diário íntimo publicado na internet, reunidos em obra impressa. Como já vimos, a blogueira gosta e alimenta esta confusão entre o que é autobiográfico e o que é ficção. De acordo com a autora, a “bagunça” entre o real e o ficcional surge espontaneamente no seu processo criativo.

“Eu nunca escrevi um livro. Eles é que se escrevem. As coisas acontecem, ah, como elas acontecem, nunca param de acontecer, essas coisas de livro. Quando acho que parou, viro para o lado e ali tem um parágrafo inteiro me olhando. Piscando, como se não fosse estranho ter um parágrafo ali no meio da sala, e me encarando.”⁴¹

Embora tenham estilos diferentes de escrita, Raquel e Clarah dividem algumas crenças a respeito da produção de *books*. Ambas acreditam que os comentários não devem ser caracterizados como um recurso no processo criativo do livro. Tanto *Brazileira! Preta*, quanto os outros dois blogs de Clarah são fechados a comentários. A participação dos leitores, segundo a autora, não costuma ser marcada pela intenção de agregar qualidade ao texto escrito.

⁴¹ Trecho retirado de *Das coisas esquecidas atrás da estante*, página 31 e postado em <http://www.brazileirapreta.blogspot.com/> no dia 17 de agosto de 2002.

“Comentário, no tipo de blog que mantenho, ou serve para ofender o autor, ou para que o comentarista de blog dê um jeito de aparecer. quer me dizer alguma coisa, querido? me manda um email. meu blog não discute futebol nem política. meu blog não discute. eu apenas escarro. e escarro não é pra ser concordado ou discordado.

DISCORDA?

faz um blog.

cada um com seu espaço.”⁴²

Raquel afirma já ter abordado assuntos no blog por conta de pedidos dos leitores na seção de comentários. Mas também não parece grande entusiasta da interação com o público que visita o endereço virtual no que tange a escrita do livro.

“Comentários e opiniões sempre são bem-vindos, mas o que acho muito bacana em blog é a liberdade de expressão, o fato de poder escrever o que bem quiser quando sentir vontade, sem seguir nenhuma regra. Por outro lado, os leitores têm que respeitar o espaço do blogueiro, quem não está gostando do foco do blog, é muito fácil resolver o problema: parar de acessar a página em questão e buscar por outro com o qual se identifique mais.”⁴³

3.3 – Blooks: o surgimento de uma nova linguagem?

Tanto Clarah quanto Raquel defendem o papel crucial do blog como uma ferramenta de divulgação literária. Nos dois casos, a impressão dos livros só se tornou possível por conta do sucesso dos textos que postavam na rede mundial de computadores. Diante da análise das obras das duas autoras e da revisão da bibliografia pertinente a este tema, cabe perguntar se os *blooks* seriam a representação de uma nova linguagem literária. Seria o espaço virtual um mecanismo de inovação na literatura?

Em *Escritas on-line: novos modos de circulação da literatura*, a pesquisadora Ana Cláudia Viegas defende o blog como um novo espaço de circulação de textos.

“Se, na virada do século XIX para o XX, o jornal é reconhecido como o caminho mais curto para se chegar ao editor, atualmente, a internet tem sido usada como uma espécie de vitrine do texto para o público em geral

⁴² Íntegra da entrevista com Clarah Averbuck na seção “Anexos”.

⁴³ Íntegra da entrevista com Raquel Pacheco na seção “Anexos”.

e/ou para os editores. Diversos jovens utilizam os blogs como oficina criativa para seus primeiros romances” (VIEGAS, 2010, p. 1).

No artigo *A literatura longe das gavetas*, a autora Andréa Stark consulta diversos pesquisadores com o objetivo de mapear as diferentes visões que aquecem esta discussão. Stark entrevistou, por exemplo, o professor José Carlos Pinheiro Prioste, do Instituto de Letras da UERJ. Para Prioste, um novo meio, como o blog, exige uma adaptação de linguagem. Os blogs seriam, portanto, os responsáveis pela linguagem concisa e fragmentada que caracteriza os *books*. O professor afirma que não se trata apenas “de uma adaptação em si de uma linguagem verbal com suas especificidades, mas de descobrir novas formulações de uma semiose que ainda está se processando” (PRIOSTE apud STARK, 2009, p. 35). Prioste acredita que o processo que estamos testemunhando consiste na transposição de conteúdos e não na recriação de uma linguagem. Para ele, o desenrolar desta semiose vai revelar, com o tempo, uma linguagem mais pertinente aos *books* propriamente ditos.

“Penso que novos escritores e novas linguagens sempre surgirão enquanto o homem for humano, portanto, compete aos novos autores se situarem perante a nova mídia sem o deslumbramento com a técnica, mas utilizando o que esta traz de contribuição para o questionamento de valores enraizados em preconceitos, para alargar a consciência crítica e transformar a realidade” (PRIOSTE apud STARK, 2009, p. 35).

Já o produtor editorial Hugo Langone, também entrevistado por Stark, demonstra uma visão menos entusiasta desta relação entre virtualidade e literatura, entre blogs e livros. Langone afirma que a criação de uma nova linguagem requer mais do que a simples aparição de um novo espaço de divulgação. “A internet se une a diversos outros meios de trabalho literário, se tornando mais um suporte novo. A renovação de uma literatura vai muito além disso”, afirma o produtor editorial (LANGONE apud STARK, 2009, p. 36).

De acordo com o escritor e editor da revista virtual *Confraria do Vento* Márcio-André, a aparição de uma nova linguagem, que surja a partir da experiência blogueira na *web* é possível, mas ainda é cedo para que ela se consolide. “Não temos capacidade para perceber qual a amplitude dessas mudanças. A nova geração de autores ainda não está sendo suficientemente lida para que isso esteja evidente” (MÁRCIO-ANDRÉ apud STARK, 2009, p. 36).

A partir de todas as visões analisadas no presente trabalho, entendemos o fenômeno crescente dos *blooks* como uma nova opção de trabalho na produção editorial. A partir da blogosfera, um novo mundo se abre para literatura. Jovens escritores ganham a visibilidade que não teriam nos moldes mais tradicionais de prospecção de textos. A rede desponta, assim, como um elemento de renovação de catálogo. Talvez não ainda trazendo revoluções na linguagem, mas conferindo uma nova roupagem ao *casting* das editoras brasileiras. A liberdade típica da rede mundial de computadores contamina, no bom sentido, os procedimentos tradicionais e há muito repetidos pelas casas de publicação – reafirmando a tese de que os *blooks* sejam a materialização da função do blog como novo espaço de circulação da literatura.

Quanto às transformações que a produção na blogosfera pode trazer ao processo criativo do escritor, acreditamos que ainda há muito que investigar. Nas entrevistas concedidas por Raquel Pacheco e Clarah Averbuck, foi possível identificar que a seção de comentários, que tanto chama atenção dos estudiosos da blogosfera, não representa um espaço de interação válido na produção do livro. Isso tomando como base as duas autoras apenas. Parece-nos salutar buscar ainda outras experiências literárias nascidas de blogs e se aprofundar ainda mais na questão dos comentários. Como um fenômeno novo e, conseqüentemente, um campo pouco desbravado de estudo, acreditamos que os *blooks* ainda podem ser tema de vasta produção acadêmica.

Considerações Finais

Depois de alguns meses de trabalho, chega ao fim a investigação. A cada nova empreitada acadêmica, cada vez mais a certeza é de que a rede mundial de computadores representa uma fonte de permanente inovação no campo da comunicação. Inúmeros endereços virtuais são registrados diariamente e comprovam que a internet também é ambiente propício para o exercício da livre expressão. Por isso, o fenômeno estudado no presente trabalho só poderia nascer na *web*. Como espaço do “eu”, o blog virou o companheiro fiel de quem quer falar de si, sem prazos, sem pautas, sem travas.

A liberdade de publicação é o que moveu e o que motiva, até hoje, as blogueiras-escritoras que contribuíram para esta pesquisa. Em seus endereços virtuais, Raquel Pacheco e Clarah Averbuck escreveram textos cheios de personalidade. Foram escritoras, revisoras, copidesques, editoras, enfim, foram “senhoras” das suas publicações. *Hits* na internet, as blogueiras alçaram voos mais altos. Graças à popularidade de seus redutos na rede, foram sondadas por editoras e tiveram mais de um título publicados. O sucesso de ambas é inquestionável. Os *posts* que viraram livros também inspiraram roteiros de cinema. *Nome Próprio*, filme dirigido por Murilo Salles, em que a atriz Leandra Leal interpreta a protagonista Camila, teve roteiro baseado em *Máquina de Pinball*, de Clarah Averbuck. A obra de Raquel Pacheco também foi transformada em argumento e vai virar película. O filme está em produção e a atriz Deborah Secco fará o papel de Raquel.

O que chama atenção é que, não fosse pelos blogs mantidos com entusiasmo, talvez nem a indústria cinematográfica, nem o mercado editorial tivessem descoberto as duas autoras em questão. Foi a rede quem as projetou para o mundo. Assim, a primeira conclusão retirada deste trabalho é o fato de a internet funcionar como um agente de democratização dos veículos de comunicação. Processo que é garantido ao se de dar voz àqueles que talvez nunca tivessem a oportunidade de acessar os meios tradicionais. É através da rede, dos blogs, que novos escritores vêm sendo descobertos. No mercado editorial brasileiro cada vez mais fechado e condicionado pela apresentação de credenciais – ou seja, quem indica este original –, a publicação em meio virtual pode representar uma brecha, um sopro de frescor.

Assim, podemos confirmar, com razoável certeza, que os blogs têm funcionado como excelentes espaços de divulgação para jovens escritores. Os endereços virtuais têm atraído o olhar de editores em todo o mundo e, por isso, podem e devem ser usados com sabedoria por

aqueles que possuem o desejo de publicar. Além disso, a pesquisa leva à crença no blog também como ambiente para experimentação de linguagens, como laboratório para uma nova maneira de escrever. A narrativa fragmentada e ágil característica do blog pode produzir efeitos interessantes no corpo de um livro. Apesar de não ter sido determinante nas duas obras aqui analisadas, a seção de comentários pode ainda se revelar como um importante artifício no processo criativo do autor.

Por fim, é crucial ressaltar que ainda há muito para se explorar nesse novo mundo – tanto por parte do mercado editorial, quanto no que tange o universo acadêmico. Seria interessante que as editoras dedicassem, cada vez mais, particular atenção à blogosfera. Tarefa que se revela árdua por conta da amplidão deste mundo, mas que também se mostra proveitosa, já que “Raquéis” e “Clarahs” só se revelam nesta atmosfera de liberdade de expressão. Ao universo acadêmico, cabe dar prosseguimento a esta discussão. Os *books* prometem se tornar mais comuns nos catálogos das casas de publicação. Será interessante analisar futuramente quais temáticas predominam neste tipo de publicação. Seria este espaço exclusivo das “escritas de si”? Ou serão os *books* espaço também para outros assuntos? Muitas das perguntas que nos colocávamos alguns meses atrás foram respondidas através da pesquisa que aqui se encerra. Mas, não restam dúvidas, ainda há muito o que ser respondido.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Glaucio; AZEVEDO, Patricia; VIDAL, Elisa. Das telas para o papel: *blogs* como fonte para a Literatura de Massa. In: **Revista Interin**, 2008, Curitiba. Disponível em: http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/05/artigos/artigo_dossie_elisa.pdf

AVERBUCK, Clarah. **Máquina de Pinball**. São Paulo: Editora Conrad, 2002.

__. **Das coisas esquecidas atrás da estante**. Rio de Janeiro, Editora 7Letras, 2003.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loiola**. Lisboa: Edições 70, 1999.

KLINGER, Diana. **Escritas de Si, Escritas do Outro**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2007.

LUCAS, Fábio. **Literatura e Comunicação na era eletrônica**. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2001.

MARINHO, Josilene. A internet como espaço literário – narração e experiência no blog. In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC**, 2008, São Paulo. Disponível em: <http://www.abralic.org/htm/congressos/anais-eventos.htm>.

MATOS, Adriana Dória. Escritores de Blogs: a web como espaço de criação e discussão sobre literatura. **Revista Digital Hipertextus**. Publicado no endereço virtual www.hipertextus.net, em 3 junho de 2009.

PACHECO, Raquel. **O Doce Veneno do Escorpião**. São Paulo: Panda Books, 2005.

RECUERO, Raquel. **Warblogs: Os blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online**. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf>, 2003.

STARK, Andrea Carvalho. *A literatura longe das gavetas*. **Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**. Ano 2. n° 2. V.2. Março 2009.

VASCONCELOS, Fernanda de Paula. A literatura e o blog. In: VIII Encontro de Iniciação Científica da Universidade Federal de Uberlândia, 2008, Uberlândia.

VIEGAS, Ana Cláudia. **Quando a técnica se faz texto ou a literatura na superfície das redes.** In: *Literatura & Informática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

__. **Escritas on-line: novos modos de circulação da literatura contemporânea.** Disponível em www.uff.br/cadernosdeletrasuff/32/artigo4.pdf, em 07/06/2010.

ANEXOS

Anexo 1:

Entrevista com Clarah Averbuck

1) Quando, como e por que você decidiu fazer um blog?

O mailzine onde publicava meus textos, o cardosonline, que durou de 1998 a 2001, tinha acabado, e vi no blog a maneira mais fácil de continuar escrevendo sem ter que me meter em programações de páginas ou coisas do tipo.

2) Você pensava em alguém quando escrevia? Imaginava um público para os seus posts?

Acho que pensava em alguma coisa que gostaria de ter ouvido em determinado momento da minha vida. Ou não. Talvez fossem apenas as vozes da insanidade, e, acredite, elas falavam alto naquela época, minha amiga.

3) Você divulgou o blog entre amigos? Entre outros blogueiros?

Nunca.

4) Você abriu, no blog, segredos que nunca havia revelado para outra pessoa?

Não. Existem segredos e existem situações tornáveis em ficção. eu fiz uma grande bagunça com o real e a ficção e ninguém nunca saberá o que é ou foi o quê.

5) Como surgiu a ideia dos posts virarem livro?

Textos que eu gostava, textos que o editor gostava, voilá.

6) Quando você começou o blog, já pensava em escrever livros?

Eu já tinha começado o máquina de pinball. Tive que fazer as contas de tantas vezes que me fizeram essa pergunta: máquina de pinball começou a ser escrito em julho de 2001; blog surgiu em setembro de 2001, após a morte do CardosOnline.

7) Como foi o processo de adaptação dos textos do blog para texto de livro?

Editor mexeu - estamos falando do *Das coisas esquecidas atrás da estante*, certo - e eu discordei, mas saiu mesmo assim. *Máquina de Pinball* é um romance à parte de todo o negócio de blog. Quem achar referência a blog no livro ganha uma meia-calça cor-da-pele usada por mim. Eu não almejaria esse prêmio, mas enfim.

8) Como foram escolhidos os posts que integrariam o livro?

Os que eu mais gostava. ;)

9) Para você, qual é a diferença entre o texto do blog e o texto do livro?

Posso responder a lápis?

10) O blog funcionou como um laboratório para a escrita de um livro? Ou como um meio de divulgação dos seus textos?

O blog funcionou para dar continuidade a algo que eu já fazia, que era publicar o que quisesse, na forma e tamanho que bem entendesse, com quantos palavras desejasse. Simplesmente queria escrever. Naquela época tão remota não pensava tanto nisso. Escrever era o que importava, o resto era bobagem.

11) Os capítulos do livro “Máquina de Pinball” são curtos, cheios de ritmo. O fato de o livro ter nascido de um blog está ligado a essa característica?

Não, está ligado à música e ao jeito que compasso o mundo.

12) Você escreveu, em fevereiro de 2004, sobre não ter como publicar escritos seus por serem curtos, impubescíveis. O blog dá mais liberdade? Que tipo de conteúdo do Brasileira Preta nunca pode ser passado para Máquina de Pinball?

Oi, produção? Não sei responder essa pergunta, cadê meu agente?

13) O blog Brasileira Preta já morreu. O Adios Lounge teve o último post em dezembro de 2009. Como nascem e morrem seus blogs? Por que, mesmo depois de ter falado ter enjoado dos blogs, continua escrevendo neles?

Porque me canso e porque tenho vontade de fazer de novo.

14) Você não publica comentários. Durante o processo criativo de *Máquina de Pinball*, você teve algum contato com os seus leitores? Eles influenciaram no texto do blog ou do livro em algum momento?

Comentário, no tipo de blog que mantenho, ou serve para ofender o autor, ou para que o comentarista de blog dê um jeito de aparecer. Quer me dizer alguma coisa, querido? Me manda um email. meu blog não discute futebol nem política. Meu blog não discute. Eu apenas escarro. E escarro não é pra ser concordado ou discordado.

DISCORDA?

Faz um blog.

Cada um com seu espaço.

15) Você percebe diferença entre o público do blog e o público do livro?

Não faço idéia do público de nenhum dos dois! Isso muito me surpreende.

16) Já que o blog nunca foi divulgado, a que você atribui a popularidade que ele alcançou entre os leitores?

Aos meus leitores do CardosOnline e ao fato de o blog ser uma novidade na época... Chegou a ser o oitavo blog mais lido do mundo.

Anexo 2:

Entrevista com Raquel Pacheco

1) Quando, como e por que você decidiu fazer um blog?

No final de 2003, no auge da febre dos blogs, me tornei leitora de alguns. Na época, eu morava sozinha, não tinha namorado, atendia meus clientes no mesmo local onde morava e o computador era meu fiel companheiro. Já fazia um pouco mais de um ano que estava na prostituição, mas estava empolgada com o fato de há pouco tempo ter me livrado das garras de cafetão e estar trabalhando por conta própria. Quando o último cliente do dia ia embora, normalmente o último programa ocorria às 21hs, se não tinha nenhuma balada programada, ficava na internet até ficar com sono.

Em uma madrugada, em dezembro de 2003, estava muito triste porque o segundo Natal que passaria longe da minha família, se aproximava. Já tinha navegado em todos os sites que gostava e decidi escrever sem nenhum foco no Word, como desabafo, às vezes fazia isso. Enquanto escrevia, me deu um estalo e pensei: "Será que existe algum blog de garota de programa?". Até então nunca tinha tido vontade de buscar por isso, me conectei na internet novamente e busquei no Google. Não encontrei nenhum. Resolvi então criar e escrever o que ficaria apenas para mim no Word, em um diário para quem quisesse ver. Pensei que se eu, que era garota de programa, por um momento tive curiosidade de ler o blog de alguma colega, caso existisse, muitas pessoas tinham a mesma vontade.

Criei um blog bem simples, na época não tinham tantas ferramentas para incrementar o diário virtual. Depois que fiz a minha conta e vi o blog pronto, comecei a escrever o primeiro texto e parei apenas quando o dia amanheceu. Omiti muitos detalhes como o meu nome verdadeiro, mas contei tudo o que sempre tive vontade de contar para as pessoas sobre mim. Contei o motivo pelo qual tinha parado na prostituição e como era minha vida sendo uma garota de programa. Fiz um enorme desabafo. Depois que publiquei o post, fui dormir. Quando acordei, li o que tinha escrito e me arrependi por ter me exposto tanto, então excluí o blog e decidi que continuaria apenas leitora dos que já existiam. Mas nos dias seguintes, não consegui parar de pensar na ideia de ser blogueira, por fim me arrependi por ter excluído aquele que tinha criado. Decidi então criar um outro, mas como o ano já estava acabando, achei que faria mais sentido reiniciar no comecinho do novo ano, com o intuito de escrever diariamente como fiz muito em diário de papel. Na primeira semana de 2004, então nasceu o novo blog.

Muito mais do que simplesmente desabafar ou contar como era meu dia-a-dia, sempre tive vontade de mostrar para as pessoas que a vida de uma prostituta é muito comum, que não é porque eu era uma, que tinha uma vida diferente das mulheres. A única diferença era cobrar o sexo, nunca vi este detalhe como anormal. Ficava surpresa sempre quando algum cliente ou até mesmo alguma mulher que não se prostituía e ficava sabendo que eu sim, me perguntava como era a minha vida por ser garota de programa. Percebendo que as pessoas pensavam que a vida de uma prostituta é apenas sexo, queria com o blog, mostrar que não era bem assim, que eu não era um objeto sexual. Então o meu maior objetivo foi desmistificar a vida de uma garota de programa, mostrando a realidade.

Durante quase seis meses, os meus leitores sabiam que eu era garota de programa, pois desde o início este detalhe sempre foi muito claro, mas ninguém sabia quem eu era. Não publicava fotos, não divulgava o número do meu telefone, os únicos meios de contato entre eu e quem lia o blog, eram através do espaço dos comentários ou por e-mail.

Ficava chateada com o que me escreviam, recebia muitos xingamentos, mas o que mais me chateava era a maioria das pessoas demonstrar que não acreditavam em mim, muitos diziam que eu estava mentindo, que não era garota de programa coisa nenhuma e a justificativa principal era que eu escrevia muito bem para quem dizia se prostituir. Então me dei conta que o preconceito era maior do que imaginava, só porque eu me prostituía era obrigada a ser burra? Muitos me escreviam também dizendo que tinham certeza que eu era um homem fantasiando todas aquelas transas que descrevia.

Até que num belo dia, minha senha não foi aceita no painel de administração do blog, meu computador tinha sido invadido por algum hacker que alterou todas as minhas senhas, inclusive a do e-mail. Depois que consegui recuperar a do blog e já cansada com o povo não acreditando em mim, aceitei a sugestão de um amigo webdesigner que já tinha me oferecido criar um blog personalizado com um domínio meu. Então ele criou o novo espaço, onde publiquei o primeiro ensaio fotográfico e o número do telefone para provar que sim, eu existia e era garota de programa.

A partir daí, o blog deixou de ser um simples diário e passou a ser minha principal ferramenta de trabalho. Fiquei com medo da reação dos clientes, mas como sempre omiti detalhes pessoais deles para que continuassem no anonimato, o fato de ter o blog nunca atrapalhou, muito pelo contrário, pois a quantidade de programas aumentou.

Com o fato de detalhar e dar nota ao desempenho de cada cliente, concluí que os homens gostam de ser avaliados na cama. O sucesso do blog foi ter tido esta sacada, talvez ninguém nunca tenha se importado com os meus desabafos. O que me fez destacar, mais do que ter sido a pioneira sendo prostituta e blogueira, foi justamente por causa das avaliações que fiz dos homens que passaram na minha cama.

2) Você pensava em alguém quando escrevia? Imaginava um público para os seus posts?

Como escrevia no blog sempre após atender o último cliente, pensava nos homens que tinham me contratado no dia. Para facilitar, tinha um bloquinho onde anotava alguns detalhes para não me esquecer de nada. Fazia estas anotações assim que o cliente ia embora. No momento de escrever para o blog, contruía o texto me baseando nas anotações e nas lembranças que tinha de cada um.

Nunca tive um público alvo, até mesmo quando o site tornou-se minha ferramenta de trabalho, não tinha a preocupação de atingir apenas homens, mesmo porque, desde o início, sempre notei através dos comentários e e-mails que recebia, que tinha muitas leitoras também.

3) Você divulgou o blog entre amigos? Entre outros blogueiros?

Depois que reiniciei a vida de blogueira, recebi a visita de uma amiga que também era garota de programa, mostrei o blog à ela, feliz com a novidade e escutei: "Mas quem vai perder

tempo lendo o blog de uma garota de programa?". Depois desta reação desmotivadora, achei por bem, não sair divulgando entre os amigos. Até mesmo porque no início, tinha a intenção de manter meu anonimato. Divulguei apenas para os clientes que já eram meus conhecidos, que me procuravam sempre e eu tinha intimidade de falar sobre minha vida. Aos clientes novos, que eu não conhecia, não me sentia à vontade de dizer que tinha um blog.

A divulgação mesmo, acredito que tenha sido, a mais natural e melhor de todas: 'Boca à boca'. E quem buscasse em algum site como o Google, as palavras "sexo", "garota de programa", entre outras do gênero, encontravam o link do blog.

Depois que revelei quem sou por meio de fotos, então os clientes do Fórum GPguia, ajudaram a divulgar na internet. Como fui a pioneira, e era uma novidade no momento, o assunto se espalhou de maneira muito rápida.

Em agosto de 2004, concedi a primeira entrevista ao jornalista Pedro Doria, e desde então tive a ajuda da mídia para divulgá-lo.

Não pedi para que nenhum blogueiro me ajudasse na divulgação, pois não conhecia nenhum o suficiente para pedir este tipo de favor. Mas vi que alguns, curiosos pela novidade, comentaram sobre mim.

4) Você abriu, no blog, segredos que nunca havia revelado para outra pessoa?

Não, isso não aconteceu comigo. O que poderia ser considerado como segredo, no meu ponto de vista, era sobre a minha vida antes de me tornar garota de programa. A prostituta, é por natureza, por n motivos, uma pessoa misteriosa, cheia de segredos. Talvez por querer se preservar, não costuma falar sobre o período antes da prostituição. Mas nunca tive medo de revelar às minhas amigas ou colegas sobre o meu passado, quem eu era antes de ser prostituta. Óbvio que eu não saia contando para qualquer pessoa, mas nunca tive segredos, fatos que ninguém soubesse. Conteí muito sobre o meu passado no blog e tudo o que escrevi nele sobre a minha vida pessoal, já tinha contado no mínimo à minha melhor amiga. Mas aconteceu o contrário, de não ter confidenciado no blog algo que já tinha contado aos amigos. Por exemplo: nunca conteí lá sobre o real motivo que me fez fugir de casa. Conteí apenas depois no livro, mas até então meus leitores no blog não sabiam detalhes sobre o que me levou a prostituir. Para eles, isso era um grande segredo.

5) Como surgiu a ideia dos posts virarem livro?

No livro não foram publicados apenas posts, alguns textos foram escritos exclusivamente para a publicação. Como meu público alvo para comprá-lo era os leitores do blog, não queria que encontrassem apenas o que já tinham lido. Fiz questão de colocar alguns textos novos ou no mínimo situações já contadas, mas mais bem detalhadas.

6) Quando você começou o blog, já pensava em escrever livros?

Sim. Antes mesmo de começar a me prostituir, já pensava em escrever livros, apenas não sabia sobre qual assunto abordaria. Até que me dei conta que se escrevesse sobre a minha vida

seria interessante, não precisaria inventar alguma história quando contar sobre a minha realidade já seria algo diferente e que despertaria curiosidade dos futuros leitores.

7) Como foi o processo de adaptação dos textos do blog para o texto do livro?

Foi difícil porque quando comecei a preparar o livro, já escrevia no blog há mais de um ano e, conseqüentemente, tinha bastante material para publicar. Em contrapartida, não queria um livro muito grande, pois já tinha ideia de publicar outros, então não queria usar todas as boas histórias em uma única vez. Tive que decidir o que achava importante colocar no livro e quais as histórias que não poderiam ficar de fora de jeito nenhum, considerando que era a primeira publicação.

8) Como foram escolhidos os posts que integrariam o livro?

O meu editor selecionou alguns posts interessantes, mas segui muito minha intuição, optando por aqueles que mais geraram polêmica ou excitação entre os leitores. E claro, não poderia ignorar os quais eu mais gostei também.

9) Para você, qual é a diferença entre o texto do blog e o texto do livro?

O blog tendo um foco interessante, cada novo post acaba sendo um novo capítulo. A diferença é que quem está acostumado a ler muito no meio virtual e acompanhar blogs, exige textos curtos para que a leitura seja rápida. É algo mais imediato, mesmo porque a leitura através da tela do computador é cansativa. É preciso escrever de uma maneira que prenda o leitor porque ele está diante a facilidade de muitas informações, é muito fácil mudar de site num instante. O texto tem que ser "mastigado".

Já quem busca por um livro, é porque gosta de ler de verdade, gosta de viajar na leitura, quanto mais detalhado o texto é melhor, o leitor consegue e gosta de imaginar cada situação. Não importa se o capítulo é comprido. Para prendê-lo na leitura é mais fácil, basta a história ser interessante e o final de cada capítulo ser instigante para que ele fique com vontade de ler o próximo.

Eu diria que o texto para o blog tem que ser escrito pensando em um leitor com preguiça de ler. Já o texto para o livro, tem de ser escrito para quem gosta de ler.

Posso estar muito enganada, mas é a minha opinião! ;)

10) O blog funcionou como um laboratório para a escrita do livro? Ou como um meio de divulgação dos seus textos?

O blog não funcionou como laboratório para a escrita do livro porque mesmo se eu não o tivesse, teria escrito o livro do mesmo jeito. Já para divulgar os meus textos, sempre foi uma maneira eficaz e rápida. Já que a propaganda é a alma do negócio, posso definir o blog como alma da Bruna Surfistinha.

11) Como surgiu a idéia de intercalar, no texto do livro, depoimentos da infância/juventude com os relatos sobre o trabalho como garota de programa?

No blog, com exceção quanto aos relatos dos programas, nunca respeitei a ordem dos acontecimentos. Em um post, contava como tinha sido o meu dia além dos programas, que tinha ido ao shopping com alguma amiga, por exemplo. No dia seguinte, publicava um texto contando um pouco sobre o meu passado, que poderia tanto ser sobre minha infância como adolescência, alguma lembrança, algum motivo de saudade, etc. Enfim, não seguia uma linha cronológica. Até hoje tenho meus momentos nostálgicos ou conto algum acontecimento dias depois que ocorreu.

Com o livro também não quis seguir a cronologia tanto porque teria o mesmo formato do blog como também acreditava que seria interessante separar a Raquel da Bruna. Como se fossem duas seções caso fosse no blog. Até as fontes usadas no livro são diferentes para distinguir as duas. Achei também que criaria um suspense, quando o leitor lesse um trecho sobre Raquel, ficaria curioso para chegar no próximo que seguisse a trajetória dela. Idem com a Bruna.

12) E a idéia de manter partes do texto em formato de post, como surgiu?

Não considero que tenha sido uma ideia, mas mantive partes do texto em formato de post mais por questão de respeitar o formato do blog, afinal fiquei conhecida primeiramente como blogueira, todos sabiam que a facilidade que tive ao ter a oportunidade de publicar um livro, surgiu a partir da fama na internet, então não faria sentido ignorar os detalhes do blog.

13) Você teve fez alguma adaptação de conteúdo do blog para o livro? Ou seja, aconteceu de você não colocar no livro alguma história que contou no blog por conta do conteúdo mais picante?

Não achei necessário fazer nenhuma adaptação do conteúdo. Na capa está claro que o livro aborda sobre prostituição, quem o compra espera encontrar histórias picantes, isso é fato, também não poderia contar sobre minha vida ignorando a fase enquanto prostituta. Não poderia escrever em apenas uma linha que fui garota de programa e parar o assunto por aí. Era necessário ter histórias que vivi entre quatro paredes, como sempre relatei no blog. Comercialmente falando, também era viável porque sexo vende. Recebi críticas de pessoas comentando que o livro é muito picante, beirando ao vulgar, mas o que se espera de uma mulher que se prostituiu?

Com o livro, atingi dois tipos de grupos: das pessoas interessadas em minha história de vida e das que compraram com intenção de se excitarem com os meus relatos.

14) Você percebe diferença entre o público que lê seu blog e o público que lê o livro?

Não percebo nenhuma diferença. Embora tenha interesse em descobrir, nunca procurei saber o difere os públicos, acredito que teria de fazer uma pesquisa diretamente com ambos os grupos, o que não seria uma das tarefas mais fáceis.

O que acho muito interessante e não tem nada a ver com a pergunta em si, é que muitas pessoas, já comentam que o meu livro foi o primeiro que leram na vida. E, por mais incrível que possa parecer, nem todos que fazem este comentário, são jovens.

15) Como os comentários dos leitores do blog influenciaram o seu texto no próprio blog e também no livro?

Os comentários dos leitores não me influenciam, mas já aceitei sugestões de alguns temas. No início do blog, muitas pessoas comentavam: "quero que você escreva sobre como foi a sua primeira transa", e então escrevi um post sobre o assunto.

Comentários e opiniões sempre são bem-vindos, mas o que acho muito bacana em blog é a liberdade de expressão, o fato de poder escrever o que bem quiser quando sentir vontade, sem seguir nenhuma regra. Por outro lado, os leitores têm que respeitar o espaço do blogueiro, quem não está gostando do foco do blog, é muito fácil resolver o problema: parar de acessar a página em questão e buscar por outro com o qual se identifique mais.

16) Como surgiu a empreitada de fazer o livro? A editora entrou em contato com você?

Como já tinha vontade de publicar um livro contando sobre minha vida antes mesmo do blog, às vezes comentava sobre isso nele. Até que uma editora entrou em contato, mas a descartei por diversos motivos, até que o jornalista Marcelo Duarte, leu também um destes comentários sobre o livro no blog e se interessou por publicá-lo através da editora dele, a Panda Books. Ele então entrou em contato comigo e marcamos uma reunião na qual já fechamos nossa parceria, pois a proposta dele era muito boa, me dando toda a autonomia de contar a minha história da forma como eu quisesse e, ainda, teriam algumas pessoas contratadas da editora me ajudando. Dias depois, assinamos o contrato.

17) Vi na folha de rosto do livro, o crédito "Depoimento a Jorge Tarquini". Como foi a sua relação com o Jorge durante o processo criativo do livro?

Na reunião com o Marcelo, o Jorge Tarquini estava presente também. Como na época, ainda me prostituía, eu não tinha muito tempo disponível para me dedicar na elaboração do livro. Em contrapartida, não tínhamos tempo a perder, pois tínhamos que aproveitar aquele momento inicial de aparições minhas na mídia para já começarmos a divulgação do livro e sentirmos a reação do público.

Separei os textos que gostaria que estivessem no livro, eram histórias retiradas do meu blog e outros que faziam parte do meu arquivo pessoal. Eu e o Jorge também nos encontramos algumas vezes para conversarmos sobre a minha vida e não era uma entrevista, ele me deixava à vontade para que eu falasse o que bem quisesse, interferindo apenas quando necessário. Todas estes meus depoimentos foram gravados por ele. Tanto os meus textos como as fitas com os depoimentos em mãos, o Jorge então organizou e formatou todo este

material. Daí tudo foi encaminhado para que desse minha palavra final, determinasse o que ficava e o que saia e, por fim, nasceu meu primeiro livro.

Anexo 3:

Entrevista com Alberto Schprejer:

1) Como reconhecer num blog o potencial para livro?

O primeiro passo é ver se o conteúdo resiste ao tempo após a data da postagem, como não ocorre com os Blogs de comentários eminentemente jornalísticos, cujos conteúdos envelhecem rapidamente. Então entramos na área de conteúdos não perecíveis, feitos com textos criativos ou com informação consistente sobre um tema específico. Blogs de profissionais de ponta em seus segmentos são candidatos potenciais a se tornarem livros. Finalmente, procuramos conhecer a audiência, que é mesurada por algumas ferramentas como pagerank, presença em redes sociais como Twitter, Facebook, Orkut etc.

2) Que tipo de processo um editor deve adotar para garimpar textos na blogosfera? Checar tudo que for possível, percorrer o cipóal de links, estar aberto para surpresas, escutar o que as pessoas dizem e daí aguçar os critérios de seleção.

3) Que tipos de texto - de que gêneros - mais se costuma encontrar na blogosfera? O mundo todo está na blogosfera, ela é a cara do mundo, só que publicado. A oferta tornou-se ilimitada!

4) Você vê o blog como um laboratório para um livro?

Sim, em muitos casos o editor pode perceber que no aumento da quantidade aparece também a qualidade. Na pergunta 2 você usou o verbo garimpar, e é isso mesmo, pois se tudo está na blogosfera, ampliou-se o campo de pesquisa, há mais cascalho para revolver e mais ouro para aparecer. Nesse sentido, o editor é mesmo garimpeiro.

5) Você vê o blog como um espaço de divulgação de novos escritores?

Sim, muitas vezes eu me surpreendo diante de textos muito bem escritos, e provavelmente de autores que já tiveram trabalhos recusados no mercado editorial. A blogosfera significa uma possibilidade de ampliação do mercado editorial.

6) Que tipo de adaptações você acha que devem ser feitas para o texto de um blog virar um livro?

Acho que neste momento de interação entre as mídias o editor não deve estar tão preocupado em adaptações, deixando que os blogueiros selecionem e organizem seus materiais, com o editor atuando como supervisor. Há um risco de perda nos blogs cujos textos são secundários em relação às imagens, e quando não se pode reproduzir as imagens por questões econômicas (uso intensivo de policromia) ou jurídicas, como direito de cópia e etc.

7) O fato de o livro ter se originado num blog deixa marcas no texto?

Quando o blogueiro é um bom escritor pouco há para ser corrigido. Quem escreve bem o faz sobre qualquer suporte. A questão é muito mais com a densidade dos conteúdos, a extensão, as suítes.

8) Como surgiu a ideia de lançar livros nascidos em blogs?

A percepção do editor ficou aguçada por causa do excesso da oferta, e ele teve que ir lá conferir o que estava sendo escrito e o que estava sendo lido. O que facilita o lançamento de livros nascidos de blog é a possibilidade de publicá-los em baixas tiragens e com o uso da impressão sob demanda, lembrando ainda que o blogueiro tem uma nova qualidade no mercado, pois ele é sempre e ao mesmo tempo um autor-divulgador.

9) Como vê a interferência dos leitores do blog no livro? Eles influenciam o texto?

Creio que não.

10) Qual o livro originado de um blog que você publicou e fez mais sucesso como produto editorial?

O Sexto Sexo, de Fernanda Lizardo, *Papo de Homem*, que é um blog grupal, e *Deu no Blogão*, do Aguinaldo Silva

11) Já desistiu de um projeto desta natureza em meio a execução dele? Se sim, por quê?

Tivemos que desistir do livro do Kibeloco, justamente porque a agilidade das piadas e dos comentários não se sustentavam no papel, e o autor não teve disposição para fazer as mudanças e adaptações para ter sentido a publicação daquele conteúdo em livro.

12) Por que selo foram publicados os livros citados?

Foram publicados pelo selo Blogbooks, que pertence á empresa Singular Editora e Gráfica Ltda, controlada pelos mesmos acionistas da Ediouro.

13) Quando você publicou o primeiro livro inspirado num blog?

Ver o site www.blogbook.com.br. Os títulos foram todos lançados no segundo semestre de 2009

14) Você teria a tiragem e a venda dos livros que você citou como mais bem-sucedidos?

O Sexto Sexo, de Fernanda Lizardo, *Papo de Homem*, que é um blog grupal, e *Deu no Blogão*, do Aguinaldo Silva. Os títulos são impressos sob demanda, não tem tiragem inicial. Na média, estes títulos venderam algo em torno de 500 exemplares, talvez o do Aguinaldo Silva tenha vendido um pouco mais.